



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
INSTITUTO CEUB DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO (ICPD)
CENTRO DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO (CESAPE)
PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO ESPORTIVO

BIBIANA ROCKSTROH CELI

**FUTEBOL:
LÓGICAS IDENTITÁRIAS NA PÓS-MODERNIDADE**

BRASÍLIA

2014

BIBIANA ROCKSTROH CELI

**FUTEBOL:
LÓGICAS IDENTITÁRIAS NA PÓS-MODERNIDADE**

Monografia apresentada por Bibiana Rockstroh Celi como requisito para obtenção do título de especialista em jornalismo esportivo no Curso de Pós-graduação em Jornalismo Esportivo do UniCEUB.

Aluna: Bibiana Rockstroh Celi/ RA-51304224
Orientador: Prof. MSc.Paulo César Trindade Vieira

BRASÍLIA

2014

BIBIANA ROCKSTROH CELI

**FUTEBOL:
LÓGICAS IDENTITÁRIAS NA PÓS-MODERNIDADE**

Monografia apresentada por Bibiana Rockstroh Celi como requisito para obtenção do título de especialista em jornalismo esportivo no Curso de Pós-graduação em Jornalismo Esportivo do UniCEUB.

Aluna: Bibiana Rockstroh Celi/ RA-51304224
Professor Orientador: Prof. Paulo César Trindade Vieira

BRASÍLIA, 2014

Banca Examinadora

Prof. MSc. Paulo César Trindade Vieira

Prof. Gilson Ciarallo

Prof. Renata Vale

Dedico este trabalho a todos aqueles que colaboraram para sua conclusão, em especial minha família, que me apoiou durante este processo.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por me acompanhar nessa jornada. Aos meus pais, por terem me dado a oportunidade de estudar. Ao professor e orientador Paulo Trindade, por me conduzir neste trabalho com excelência.

RESUMO

O Futebol no Brasil tem assumido um papel que vai além de uma simples modalidade esportiva. É um fenômeno social. Historicamente, é possível percebê-lo por duas perspectivas: enquanto meio de transmissão ideológica e como um importante elemento da formação da cultura brasileira. A pesquisa tem por objetivo verificar se a lógica de identificação do brasileiro com o futebol se modificou entre o final do século XX e início do século XXI. Para isso, além dos estudos bibliográficos, foram aplicados questionários com estudantes universitários do Distrito Federal. De acordo com a pesquisa, 46% dos participantes disseram que o futebol é o esporte que mais se identificam, porém apenas 14% deles afirmam que o esporte bretão é uma forma essencial de defini-los quem eles são. E para a maioria, 86%, a sociedade brasileira, mesmo em ano de Copa do Mundo, está mais preocupada com os problemas críticos que o Brasil está enfrentando do que com o futebol. Entretanto, observa-se que a identificação do brasileiro com o esporte bretão nesta era pós-moderna tem ganhado outras proporções. Neste contexto dois ganchos são fundamentais para compreender esse novo estágio: Copa do Mundo e Manifestações Políticas que ocorreram em junho 2013. O futebol não é mais a essência como um todo do indivíduo, e sim apenas uma parte dela.

Palavras-chave: Futebol. Identidade. Cultura. Ideologia. Pós-modernidade

ABSTRACT

The Brazilian's soccer has assumed a role that goes beyond a simple sport. It is a social phenomenon. Historically, it is possible to perceive it by two perspectives: as a means of ideological transmission and as an important element in the formation of Brazilian's culture. The research aims to verify if the logic of identification of the Brazilian with soccer changed between the late XX century and early XXI century. To this end, in addition to bibliographical studies, questionnaires with college students of the Federal District were applied. According to the research, 46% of participants said that soccer is the sport they most identify, but only 14% of them claim that the soccer is a key way of defining them who they are. And for the majority, 86%, Brazilian's society, even in the year of the World Cup, is more concerned with the practical problems that Brazil is facing than soccer. However, it is observed that the Brazilian's identification with the soccer in this post-modern era has won other proportions. In this context two hooks are key to understanding this new stage: World Cup and Policies Manifestations that occurred in June 2013. Soccer is not anymore the essence of the individual as a whole, but only part of it.

Key word: Soccer. Identity. Culture. Ideology. Post-Modernity

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO ITEM DE IDENTIFICAÇÃO POR PARTE DOS UNIVERSITÁRIOS.....	44
TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO ITEM DE ESPORTES QUE OS UNIVERSITÁRIOS MAIS SE IDENTIFICAM.....	46
TABELA 3 - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO ITEM DE ACOMPANHAMENTO DE EVENTOS ESPORTIVOS NA MÍDIA.....	47
TABELA 4 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO ITEM MEIO DE COMUNICAÇÃO PREFERENCIAL DOS UNIVERSITÁRIOS.....	49
TABELA 5 - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO ITEM DE CONTEÚDO SATISFATÓRIO VEICULADO NO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO PREFERENCIAL DOS UNIVERSITÁRIOS.....	50
TABELA 6 - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO ITEM DE FORMATO SATISFATÓRIO VEICULADO NO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO PREFERENCIAL DOS UNIVERSITÁRIOS.....	50
TABELA 7 - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO ITEM DE TEMAS MAIS ABORDADOS NO PROGRAMA DE PREFERÊNCIA DOS UNIVERSITÁRIOS.....	51
TABELA 8 - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO ITEM DE COMO OS UNIVERSITÁRIOS ENXERGAM O FUTEBOL HOJE.....	53
TABELA 9 - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO ITEM DE OPINIÃO DOS UNIVERSITÁRIOS QUANTO AO INTERESSE DOS BRASILEIROS EM OUTROS ASPECTOS, ALÉM DO FUTEBOL...	54
TABELA 10 - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO ITEM DE QUE TIPO DE EMOÇÃO O FUTEBOL CAUSA NOS UNIVERSITÁRIOS.....	55
TABELA 11 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO ITEM DE O FUTEBOL É OU NÃO UMA FORMA ESSENCIAL DE COMPREENDER E DEFINIR QUEM O UNIVERSITÁRIO É.....	56
TABELA 12 - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO ITEM DE O ELITISMO DO FUTEBOL DISTANCIA O CIDADÃO DA SUA IDENTIDADE COM ESSE ESPORTE.....	57
TABELA 13 - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO ITEM DE ÍDOLOS DO FUTEBOL BRASILEIRO	58
TABELA 14 - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO ITEM DE TIMES/CLUBES DE FUTEBOL QUE OS UNIVERSITÁRIOS TORCEM.....	60
TABELA 15 - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO ITEM DE IDENTIFICAÇÃO POR PARTE DOS UNIVERSITÁRIOS COM A SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL.....	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 METODOLOGIA	13
2 REVISÃO DE BIBLIOGRAFIA	14
1.1 Percepções identitárias, globalização e construções sociais a partir do esporte, particularmente o futebol no Brasil e no mundo pós – moderno	14
1.2 Futebol: traço da identidade brasileira	17
1.3 História do futebol no Brasil	19
1.4 O Negro no futebol brasileiro	24
1.5 Identidade cultural e o sujeito moderno	27
1.6 Ideologia e o sujeito comum	30
3 SUJEITO E A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE.....	35
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS.....	67
APÊNDICE A: Modelo do instrumento	70
APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	73

INTRODUÇÃO

Os desafios e anseios estão frequentemente presentes nas atividades do nosso dia a dia. E escolher um tema para o projeto de conclusão de curso foi um deles. Decidir o tema de defesa da monografia digamos que foi aos 30 minutos do segundo tempo. A cada reunião com o orientador, uma ideia diferente. Cada semana programada, um obstáculo a ser enfrentado. Passei por momentos de angústia, desespero e preocupações. Este foi sem dúvida um processo que demandou tempo, total dedicação e paciência. Paciência esta que me ajudou a desenvolver este trabalho da melhor maneira.

Antes de determinar o tópico a ser abordado no decorrer deste trabalho, tantos outros foram debatidos, e entre eles o "estudo do comportamento do árbitro de futebol e a mídia". Porém, devido às dificuldades tecnológicas para gravar e arquivar as partidas de futebol, a falta de oportunidade e o curto prazo de tempo me fizeram deixar esse projeto para mais adiante.

O tema escolhido para este trabalho foi ao acaso. Em busca de autores que retratassem o futebol como traço da identidade brasileira e como forma de construção de costumes e cultura da nação, encontrei uma entrevista concedida pelo sociólogo Zygmunt Bauman, em que este traz ao conhecimento as mudanças que as sociedades globais vêm enfrentando com o surgimento de novos elementos sociais, como a tecnologia e a globalização.

Ao assistir a entrevista, e associando a minha paixão e envolvimento com o futebol, veio a curiosidade em saber como os brasileiros, nesta era pós-moderna, têm se comportado diante destas transformações, e se a percepção das pessoas de um novo mundo afetou na formação de suas identidades, e de que maneira o futebol está embutido nesta nova concepção.

Partindo, então, deste princípio, ao longo do trabalho trarei, por meio de análises bibliográficas e aplicação de questionários com estudantes universitários do Distrito Federal, debates sobre esta curiosidade e como as mudanças ainda deixam a sociedade um pouco confusa quanto a sua aceção de identidade. Além disso, aproveitarei acontecimentos importantes para o país, e que servirá de gancho para tentarmos explicar essas transformações: manifestações políticas, em junho de

2013, e a Copa do Mundo de 2014, que ocorrerá no Brasil.

Futebol, samba e mulher bonita, esse é o nosso país! Mas o que o mundo realmente sabe sobre nós, pobres mortais brasileiros? Aos olhos dos estrangeiros, o Brasil é visto como uma nação de puro divertimento e alegria, sem preocupações e responsabilidades. Mas sabemos que o Brasil não é apenas formado por estas identidades. É necessário reconhecer que o nosso país possui muitas outras qualidades e, como em qualquer outra nação, também defeitos.

O Brasil, por muitos anos, tem levado como estigma um país que vive do futebol, que respira o carnaval, e que se inspira pela beleza feminina. Apesar de ainda hoje carregar consigo essa carga identitária para qualquer lugar do mundo, o brasileiro está ciente dos problemas que o país vem enfrentando e as mudanças significativas que está sofrendo na formação de sua identidade cultural. Exemplo claro dessa transformação é a manifestação política que ocorreu em junho de 2013, em que milhares de brasileiros foram às ruas contestar os gastos exorbitantes na organização do maior evento do planeta, a Copa do Mundo de 2014, e reivindicar melhorias na saúde, educação, transporte, violência, enfim, uma série de problemáticas.

O conturbado mês de junho de 2013 despertou a população para uma possível mudança política no Brasil, além, é claro, de ter introduzido uma nova era de mobilização popular no país. “*#ogiganteacordou*”, “*#vemprarua*” e “*#obrasilacordou*”. Essas foram as expressões utilizadas por milhares de brasileiros nas redes sociais para expressar as suas vontades de reivindicar por uma país melhor, chamar o povo para lutar por um mundo melhor, em que a saúde e a educação, por exemplo, sejam condições básicas de sobrevivência. Este é o tempo da pós-modernidade. Tempo em que o sujeito deixa de ser somente enraizado por culturas “antigas” para dar espaço às novas.

Hoje o tempo é apenas o tempo, e as pessoas tentam correr contra ele. Tudo é motivo de pressa, tudo é motivo para correr, tudo é motivo para não parar; e isso vem afetando cada vez mais o comportamento do indivíduo, e a partir desta nova ambientação de vivência ele vai se adaptando. Seguindo essas problemáticas, ele seleciona o que lhe mais identifica. O que se observa é toda uma ruptura com os laços que o prendiam a uma forma de pensamento, e que se torna mais latente por meio do fortalecimento de sua identidade.

Com base nas análises bibliográficas, desde o início da era pós-moderna, a formação da identidade cultural (Thompson, 2006) está passando por diversas transformações em suas estruturas e as “antigas” identidades, que por um período grande de tempo conseguiram estabilizar o mundo social, estariam passando por um processo de decadência. Neste novo século, o famoso século XXI, os indivíduos estão passando por uma “crise de identidade” ao se confrontarem com tantas opções de identidade: costumes, classe, raça, etnia e nacionalidade, aspectos econômicos, éticos, religiosos, valores esportivos, particularmente o futebol, como referência de afirmação sociocultural e histórica.

No entanto, pressupõe-se que mudanças na sociedade e suas percepções decorrem entre outras coisas, da globalização e aceleração tecnológica, do contexto sócio-histórico. Emergem daí então as seguintes questões: será que a lógica de identificação do brasileiro com o futebol se modificou nesta era pós-moderna? Será que atualmente, principalmente neste ano de copa do mundo, os brasileiros têm se preocupado mais com outras questões além do futebol?

Para responder a estas perguntas, este estudo tem como objetivo geral verificar se a lógica de identificação do brasileiro com o futebol se modificou entre o final do século XX, início do século XXI. E para desenvolver o trabalho, têm-se como objetivos específicos analisar, por meio de revisão de bibliografia, se as mudanças causadas pela globalização na sociedade pós-moderna têm afetado a constituição da formação da identidade do indivíduo, particularmente no futebol, bem como analisar, se de fato, hoje o homem é um ser formado por uma “identidade híbrida”. Além disso, é de suma importância verificar a relação e percepção de universitários da cidade de Brasília – uma das sedes da Copa do Mundo de 2014 – com relação à lógica identitária esportiva, com o futebol entre outras.

Espera-se demonstrar com este estudo, ao acentuar estas peculiaridades, que o indivíduo está passando por transformações ao definir o que é a sua identidade através da vivência e dos acontecimentos do cotidiano. A chegada da pós-modernidade, a globalização e os avanços tecnológicos têm contribuído para essa reestruturação. E o presente trabalho se propõe a compreender como se dá esse processo de formação das lógicas identitárias e procura aguçar a influência que estes fatores têm causado nesta construção do indivíduo com o futebol. Para isso, este estudo foi então estruturado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, apresenta-se a estrutura metodológica e técnicas aplicadas para atingir, com maior precisão, os objetivos traçados no início do trabalho.

No capítulo dois, faz-se uma revisão de literatura, pontuando as fases de construção identitária da sociedade brasileira a partir do futebol no Brasil e no mundo pós-moderno - por meio da história do surgimento do esporte bretão e de sua trajetória no país - bem como acentuar o futebol como mecanismo de integração social e inclusão cultural. Faz também menção às percepções identitárias do indivíduo e de que maneira esta modalidade se tornou traço da identidade brasileira. Além disso, neste traz-se os conceitos de identidade cultural e ideologia para compreender os aspectos que influenciaram na formação da identidade brasileira a partir do futebol.

No capítulo três, no intuito de compreender as novas concepções de identidade cultural e teorizar e estudar as mudanças que a pós-modernidade tem causado na formação da identidade do indivíduo, são postos em discussão os novos conceitos de identidade, e a maneira como a globalização e os avanços tecnológicos têm influenciado nestas transformações, destacando principalmente o ponto de vista de dois grandes sociólogos da modernidade, enfatizando as modificações e a crise da identidade brasileira na atualidade: Stuart Hall e Zygmunt Bauman.

No quarto e último capítulo são apresentados os resultados e discussão da pesquisa realizada com cem estudantes de Educação Física, da Universidade Católica de Brasília, para verificar se de fato houve mudanças nas percepções e identificações do indivíduo quanto ao futebol e o que ele representa.

1 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa descritiva monográfica de revisão, quali-quantitativa.

O estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão da bibliografia, seguido de trabalho de campo, com uma amostra de 100 universitários do Curso de Educação Física (ente primeiro e quarto semestre) da Universidade Católica de Brasília – UCB.

O instrumento utilizado foi um questionário de 15 questões (formulário no apêndice A) desenvolvido pela pesquisadora juntamente com o orientador, dadas a características do estudo.

A coleta e análise de dados se deram no período de Abril/Maio do corrente ano.

Todos os participantes da amostra respondentes do questionário leram e assinaram o termo de aceite/ciente; “livre e esclarecido” antes de responder as questões. A pesquisadora acompanhou e aplicou os questionários.

O estudo foi desenvolvido entre fevereiro e maio de 2014.

2 REVISÃO DE BIBLIOGRAFIA

1.1 Percepções identitárias, globalização e construções sociais a partir do esporte, particularmente o futebol no Brasil e no mundo pós – moderno

Mas falando de esporte! Espalhado pelos cinco cantos do Brasil, não se pode negar que a paixão pelo futebol é uma realidade indiscutível, e seu estilo brasileiro de se jogar tornou-se uma marca identitária de cada cidadão. Relação está que ultrapassa as fronteiras socioculturais, econômicas e políticas. Bem como o autor Marcos Guterman afirma em seu livro, o futebol não é um mundo à parte, não é uma espécie de “Brasil Paralelo”, mas sim uma construção histórica, como um elemento inseparável dos desdobramentos da vida política e econômica do país. (GUTERMAN, 2009, p. 09)

O tempo que decorreu do surgimento do futebol no Brasil, a sua disseminação no âmbito esportivo, com a aceitação do negro e da classe operária no futebol, a exploração deste nas camadas sociais e o auxílio da imprensa brasileira foram fatores fundamentais para a afirmação do esporte bretão como traço da identidade brasileira. E só a história pode nos direcionar para uma razão que explique o porquê do futebol cativar fortes emoções na vida do indivíduo. A identidade, mesmo sendo uma questão de segunda ordem, hoje, surge sobre um cenário de embates e disputas, onde as certezas plantadas sob uma perspectiva objetiva externa passam a ser questionadas durante o período moderno.

O século XX é inquestionavelmente a era do futebol no Brasil. Desde que foi introduzido no país, por Charles Miller, este esporte passou por todo um processo de inclusão cultural até instituir-se naturalmente como uma “paixão nacional”. Para a sociedade da época, e podemos dizer que possui este sentimento até hoje, o futebol era tratado como pertencimento simbólico, como um objeto de “nossa propriedade”. E mais do que uma idolatria, o esporte bretão foi um elemento primordial na história do Brasil, pois representou mais do que uma paixão, ajudou na transição de uma sociedade rural para urbana, integrando-se em uma sociedade totalmente moderna e industrializada, tornando-se mais tarde um poderoso mecanismo de integração social e de solidificação de uma identidade nacional, como afirma Ronaldo Helal e Cesar Gordon:

No entanto, próximo do final do século XX, particularmente a partir dos anos da década de 70, se começa a falar de uma “crise” no futebol brasileiro. Essa crise manifesta-se, por exemplo, na queda progressiva do número de espectadores das partidas de futebol, no aumento da violência nos estádios (principalmente entre as chamadas “torcidas organizadas”), na evasão de jogadores para o exterior e no crescente endividamento financeiro dos clubes. (HELAL; GORDON, 2002, p. 37)

Sabemos que hoje o mundo está completamente conectado por uma única palavra: globalização. Enquanto o assunto identidade cultural, durante muito tempo, deixou de ser um palco de discussões, hoje a situação é completamente diferente. Ganhando cada vez mais espaço no ambiente acadêmico, este é um assunto recorrente devido às mudanças que a sociedade vem sofrendo ao longo dos anos.

Com o desenvolvimento das sociedades modernas, diversos fatores têm sido motivos de preocupações para os sociólogos, principalmente os perigos que os avanços tecnológicos, econômicos e políticos oferecem a determinados grupos sociais. Pode-se entender também a constituição de uma identidade partindo de manifestações que envolvem uma gama de situações que vão desde a fala até a participação de atividades do dia a dia.

Recentes teorias nos mostram uma realidade bem diferente daquela do século passado. De acordo com a nova corrente – Zygmund Bauman (2005) e Stuart Hall (2006) – a identidade cultural não pode ser mais vista como um conjunto de valores fixos e duráveis que definem o indivíduo e a coletividade da qual ele faz parte. Nesta era pós-moderna a identidade já não pode ser configurada como patrimônio a ser preservado. Muito pelo contrário. O intercâmbio e as mudanças da era globalizada são caminhos que orientam para um novo olhar sobre a formação de identidade, e essas transformações na identidade cultural são um reflexo do conjunto de subjetividades do passado e do presente.

Esta pesquisa procura também estabelecer ligações com os feitos sociais ou manifestações do ethos público, que aparentam estar distantes do objeto inicial da investigação e tecer os comentários sobre eles. E hoje esse sujeito de identificações vive em um tempo de identidades múltiplas e fragmentadas, que põem em questão uma série de certezas que sofreram profundas mudanças nas últimas décadas.

Tais modificações impulsionadas pelo intenso processo de globalização, os avanços da informática e da tecnologia, além da intensa reestruturação no

mundo do trabalho, colocou-nos frente a frente com processos de exclusão social, diferenciação, unificação e diversidade cultural, dentre outros. (AZEVEDO, 2011, p. 03)

Outro ponto chave que explica essa desestruturação é a representação da nação, uma vez que este indivíduo se perde ao refletir sobre o seu real conceito perante aquela sociedade, pois esta prega o cidadão como um agente globalizado, esquecendo daquele ambiente vivido diariamente e o fazendo ter necessidade de ter uma identificação regionalista.

Na obra de Zygmunt Bauman (2006), o autor traça um painel sobre a globalização na atualidade, suas coisas e consequências, estabelecendo conexões com fenômenos socioculturais, políticos e econômicos. Para ele, a globalização é uma grande transformação mundial, relacionada à perda de base do Estado-nação. Hoje, o indivíduo não cresce mais ouvindo aquelas histórias sobre os grandes heróis do seu povo, mas sim as peripécias da televisão, que não tem por objetivo centrá-lo na sua regionalidade, e sim abrir novos horizontes para que ele queira e possa integrar-se à aldeia global.

Contudo, alguns teóricos, como aqueles mencionados anteriormente, afirmam que o homem pós-moderno começou a “perder” as referências de sua identidade cultural ao inserir-se no universo em que vivemos atualmente, o da globalização. Isso o fez involuntariamente compartilhar as mais diversas culturas e tendo a sua própria engolida pelas demais. É perceptível que os limites transnacionais foram, ao longo dos anos, praticamente extintos, proibindo o indivíduo a ter uma única identidade, mas sim a coletividade de identidades.

Diante desta abordagem, cabe apreender, quando se refere à identidade cultural, como este conceito, de modo geral, chegou a ser discutido tal como se vê na contemporaneidade. Até que ponto o indivíduo busca sua identidade e individualidade, pois o que se percebe é que este sujeito fragmentado busca referências identitárias em outros pólos; além daqueles que vêm de berço.

No intuito de compreender as novas concepções de identidade cultural e teorizar e estudar as mudanças que a pós-modernidade tem causado na formação da identidade do indivíduo é produtivo tratar, primeiramente, de um amplo contexto em que esses meios estão inseridos: a ideologia e a identidade cultural. Além disso, este estudo tem por base a produção teórica dos sociólogos Stuart Hall, com a obra *A*

Identidade Cultural na Pós-Modernidade (2006), e Zygmunt Bauman, *Identidade* (2005) – além de percepções de Anthony Giddens trazidas no livro de Hall. Ambos discutem as modificações e a crise da identidade, elucubrando o processo social da formação de identificação do indivíduo por meio de “substituição” das antigas por novas identidades. A análise dos autores, citados anteriormente, parte do princípio das diversas concepções de sujeito construídos e assumidos ao longo do processo histórico e que determinam a identidade sem um começo, meio e fim.

1.2 Futebol: traço da identidade brasileira

O futebol, assim como o carnaval e as manifestações religiosas, são identidades nacionais construídas e transformadas no interior da representação, onde o ser (homem) participa da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Tal nação constituída por uma comunidade simbólica, reconhecida mundo a fora como o “país do futebol, carnaval e samba”.

Stuart Hall argumenta que a cultura nacional tornou-se uma característica-chave da industrialização, representadas não só por instituições culturais, mas também de símbolos e representações.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘nação’, sentidos como os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens dela são construídas. (HALL, 2006, p. 51)

No decorrer dos anos, o futebol vem desempenhando um grande papel social, passando a ser percebido como um fenômeno social. Este, por sua vez, é o esporte mais influente no país, aspirando à popularidade no seio da sociedade brasileira, e por isso tornando-se um ícone da cultura brasileira.

A cultura nacional atua como uma rede de significações culturais, num foco de identidades, que na junção do antigo com moderno o categoriza e remete as memórias do passado e a perpetuação da herança. Como diz Stuart Hall, não importa a classe, o gênero ou a etnia, a cultura nacional busca unificar estes grupos como identidade nacional, tornando-os como pertencentes de uma mesma família.

Não podemos negar que o futebol impregnou em nossa sociedade uma paixão nacional. Momento único que o Brasil presencia o real sentimento de nação e uma identificação cultural.

As representações básicas da identidade são fundamentais. Afinal, como poderíamos reunir uma nação, cuja sociedade é formada por povos mestiços, separados pelo regionalismo e pelas diferenças sociais? Assim como Alex Degan (2006), em seu artigo, compartilho da mesma concepção de que o futebol foi responsável pela construção da identidade nacional e na integração social do povo brasileiro, ignorando qualquer diferença existente. No futebol todos eram um. A característica que evidencia o futebol como elemento da identidade nacional é o seu estilo de jogar, o tal do “jeitinho brasileiro”, da “malandragem”; o futebol-arte.

É importante ressaltar que o futebol foi se tornando gradativamente uma paixão nacional, pois desde que este esporte foi desenvolvido no Brasil, não poderia ser praticado por todos, mas sim por pessoas pertencentes a um determinado segmento social. Foi somente na década de 1920 que o futebol começou a conquistar o seu espaço no cotidiano brasileiro, devido à inclusão de pessoas populares e principalmente dos negros nesse esporte. Só adquiriu a importância que tem hoje para os brasileiros por refletir elementos culturais vivenciados pela sociedade, com os seus dramas e dificuldades, em que estão inseridos questões ligadas às estruturas e hierarquias brasileiras.

A sua identificação como cultura brasileira se deve a alusão ao imaginário das relações que ocorrem nas dimensões dos estádios de futebol, violações das regras, ordem e desordem, a união que este esporte proporciona entre torcedores, com a realidade festiva do prazer e do lazer, refletindo sentimentos de paixão e alegria.

Por mais que a globalização e os efeitos que a política e a economia incidiram sobre ela tenham causado transformações na sociedade durante sua formação identitária, o futebol é um esporte que continua impregnado no passado e que vem passando para a sociedade contemporânea, e vai seguir caminho com as gerações futuras. É como argumenta Magno e Barbosa:

o principal interesse do mercado é extrair do futebol o máximo de lucro possível. No entanto, convém lembrar que a obtenção de lucro só pode se viabilizar porque o futebol realmente é uma fonte de expressão de identidades, pois o interesse que ele desperta, na maioria dos povos que o

apreciam, é anterior à sua conversão em mera mercadoria. (MAGNO, BARBOSA, 2007, p. 185)

Torcer por seleção ou um time brasileiro é participar das atividades sociais e da construção da identidade saindo do âmbito familiar e indo para uma comunidade, o público. Por isso que durante a Copa do Mundo as casas e as ruas estão cobertas de verde e amarelo.

Ganhar remete ao imaginário (a sensação plena e fugaz da completude), perder remete ao real (à experiência de um corte que devolve ao sentimento da falta), e empatar, ou voltar ao zero a zero do reinício, é o pressuposto simbólico do jogo, que o movimenta e o faz recomeçar. (WISNIK, 2008, p. 51)

Como diz José Wisnik (2008), o futebol é um instrumento de elaboração de diferenças, um campo festivo e polêmico do diálogo não verbal, atualizando a necessidade de que tenha alguém para que eu seja, "de que outro me afirme ao me negar." A formação da identidade ocorre não apenas como representação simbólica, e sim como dispositivo poderoso para a reprodução contínua e cotidiana, entre membros da nação, dos princípios básicos que a fundam e estruturam.

Mesmo sem negar que a mítica do "país do futebol" seja resultado de um processo histórico e social que tem pouco mais de 50 anos, este esporte é hoje um dos principais emblemas da "identidade brasileira", juntamente com o samba e as chamadas "religiões afro-brasileiras". Ao futebol jogado no Brasil são atribuídas características constituintes do que seria uma "identidade brasileira", como a modalidade de conduta conhecida como "malandragem". (GASTALDO, 2002, p. 02)

Em outras palavras, o discurso nacional não é apenas uma expressão de determinados sentimentos nacionais, mas também um mecanismo que cria a nação enquanto uma comunidade.

1.3 História do futebol no Brasil

Entender o processo de transformação da cultura brasileira através do futebol mostra-se de suma importância por oferecer uma leitura da representação da vida social e compreender como este fenômeno esportivo ganhou espaço em nossa sociedade e tornou-se uma "paixão nacional".

São muitas as histórias sobre a chegada da bola no Brasil. Há registros de que o futebol, em meados dos anos 70, do século XIX, foi trazido por marinheiros ingleses e holandeses. Ainda há os que dizem que foram os padres jesuítas quem trouxeram o esporte da Europa. Porém, o registro que mais se aproxima da realidade, e que é tomado como base histórica, é a do jovem brasileiro Charles Miller, como patriarca do futebol nacional. Além dele, os estudantes como Oscar Cox e Hans Nobiling foram precursores do esporte no país.

Independente de qual seja a sua real origem, o futebol é um esporte que está presente na vida do homem desde os tempos antigos, e que hoje é praticado por diversos setores da sociedade.

Tudo começou no final século XIX com a vinda dos ingleses ao Brasil. Segundo os relatos de Luiz Fernandes, citado no livro *O negro no futebol brasileiro*, escrito por Mário Filho (2003, p. 13), os britânicos, interessados em expandir o seu capital, montaram em São Paulo e no Rio de Janeiro indústrias de gás e ferrovia. Nessa época o país vivia na era do desenvolvimento econômico com o ciclo das fazendas cafeeiras. A instalação dessas fábricas foi a oportunidade de escoar a produção de café. De início, o capital utilizado para a construção das empresas européias vinha da Inglaterra. O retorno veio apenas com a instalação de uma empresa de ferrovia que ligava o Vale do Paraíba a Santos. Em meio a esse processo, Charles Miller trouxe a estrutura do esporte, que, anos depois, seria a maior expressão popular do mundo, o futebol.

Nascido em 24 de novembro de 1874, em São Paulo, Miller, descendente de família rica e de pais europeus, era considerado, por muitos, o pioneiro do futebol brasileiro. No início de 1884, aos nove anos, foi enviado para estudar numa cidade interiorana da Inglaterra. Durante a sua estadia no país britânico, o jovem brasileiro teve a oportunidade de aprender e aprimorar suas habilidades futebolísticas. De volta ao Brasil, em 1894, trouxe na bagagem equipamentos esportivos, dois jogos de uniformes, um par de chuteiras, duas bolas e uma bomba de ar; e um livro de regras, criado pela *Football Association* (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 60).

Porém, antes mesmo de Miller introduzir o futebol no país, este já era praticado pela classe popular da Inglaterra. Estas pessoas oprimidas encontraram no futebol uma forma de extravasar sua raiva e angústia diante da humilhação

sofrida, vivendo em cidades cada vez mais ameaçadoras e hostis, como cita Marcos Guterman em seu livro:

A repressão ao futebol jogado na rua, comum no início do século XX na Inglaterra, é a prova de que o esporte era visto como uma coisa da ralé, ainda mais porque invariavelmente acabava em pancadaria e depredação. Por isso, o futebol passou a ser jogado em locais específicos, principalmente nas escolas públicas. (GUTERMAN, 2003, p. 17)

Assim como Guterman, Vilém Flusser, citado na obra de José Wisnisk (2008), enfatiza também essa diferença entre futebol inglês e brasileiro.

O futebol brasileiro é ontologicamente diferente do futebol europeu. Na Europa consistiu-se, historicamente, numa forma de fuga que se abriu ao proletariado; no Brasil, serviu de canal para uma 'relação autêntica intra-humana'. Lá, faz esquecer uma dura realidade. Aqui é realidade. (FLUSSER apud WISNIK, 2008, p. 28)

Essa expressão era vista, pela sociedade elitista, como “coisa de ralé”, uma vez que ao final de todos os jogos, aconteciam brigas e pancadaria entre torcedores e jogadores. Mas no Brasil foi diferente. O futebol foi primeiramente difundido no berço elitista carioca e paulista, como meio de entretenimento, construindo o estilo de vida da alta sociedade. E na época, os clubes, por sua vez, representavam meio de sociabilidade das famílias elitizadas. Citado pelo autor José Wisnik (2008), Lima Barreto denuncia o caráter segregador do futebol, que cavou uma separação, no começo de sua prática, entre brasileiros, “insultando, humilhando e alijando” quase a metade da população brasileira, ou seja, negros e mulatos.

O primeiro jogo disputado nos moldes formais trazidos por Miller ocorreu em 1895. A partida foi entre São Paulo Railway contra *The Team of Gaz Company*, tendo o time paulista como vencedor. Depois, em 1902, surgiu o campeonato paulistano, organizado pela Liga Paulista de *Football*. Quatro anos após a criação do torneio paulistano, chegou à vez do Rio de Janeiro. Em 1906, ocorreu o primeiro campeonato carioca, em um confronto entre Fluminense e Paissandu.

Antes que a massa de torcedores se tornasse uma realidade irresistível no futebol brasileiro, a graça e o cavalheirismo das arquibancadas refletiam a intenção dos pioneiros do futebol de fazer do esporte uma expressão de sua educação e de seu espírito esportivo. (GUTTERMAN, 2006, p. 26)

Nesta época, a capital do Brasil ainda era o Rio de Janeiro, e por este motivo a cidade, até hoje, é um dos pólos difusor do futebol brasileiro. São Paulo, por sua

vez, era o centro econômico cafeeiro e o pólo do começo da industrialização. Em sua sociedade, detinha uma elite local que desenvolveu precocemente o futebol. A rivalidade entre essas duas cidades culminou a crise dos anos 30, transformando assim o quadro do futebol, e os operários passaram a ser estimulados, pelos empresários das fábricas, a praticar o esporte.

Em São Paulo, a presença considerável de terrenos baldios foi um fator que contribuiu para a popularização do futebol, pois os clubes realizavam partidas e organizavam competições nesses locais. Outro aspecto que pode ser relacionado à popularização do esporte, tanto no Rio quanto em São Paulo, foi à promoção do futebol como forma de lazer e integração entre empregados e operários por partes das fábricas e empresas.

A hegemonia da aristocracia brasileira no futebol entrou em crise na segunda década do século passado, quando o Clube Regatas Vasco da Gama pertencente à própria elite, de características portuguesas, recrutou para o seu elenco os jogadores que se destacavam nos subúrbios, fossem eles brancos, negros, mestiços, universitários, operários, enfim, o que se levava em consideração era o seu destaque no futebol e não o segmento social que o atleta pertencia.

A década de 20 e 30 foram épocas de glória para o futebol brasileiro. Épocas estas que foram o marco da popularização do esporte, e quando deu seus primeiros passos para a profissionalização. O alastramento do futebol começou com a disputa entre o amadorismo (elite) e o profissionalismo (operários). Na época, os abastados lutaram para que o esporte permanecesse como atividade de entretenimento, apenas para eles, enquanto negros e classe baixa ficavam de fora. Porém, não tiveram forças suficientes e nem mesmo poder de controlar a expansão do futebol.

Com o ingresso cada vez maior da classe operária, o cenário do futebol foi se modificando gradativamente. Desde 1905 o amadorismo estava abrindo espaço para o profissionalismo.

A ruptura do futebol, de esporte de elite para esporte de massa, de esporte amador para esporte profissional, se daria mais concretamente na década seguinte, nos anos 1920, quando a Primeira República já dava sinais de desgaste em razão de seu desprezo atávico por tudo o que cheirasse a povo. [...] Surgiram as condições que fariam do futebol o mecanismo pelo qual o Brasil romperia, ainda que momentaneamente, os limites rígidos de sua hierarquia social. (GUTERMAN, 2009, p. 50)

Conforme afirma o autor, “o futebol, naquele momento, adquiria força necessária para rivalizar com a política no que dizia respeito às paixões nacionais” (GUTERMAN, 2009 p. 62). O profissionalismo começou a ganhar ares com o surgimento do “club de operários”, em 1904, formado por trabalhadores da fábrica de tecidos no subúrbio do Rio de Janeiro: o The Bangu Athletic Club. Sua importância histórica se deve pelos seus traços de profissionalismo fora da elite futebolística.

Ao longo dos anos, times como Bangu foram surgindo, e, em 1920, o futebol brasileiro começou a sofrer pressão para se profissionalizar, e a defesa do amadorismo para manter intacta a elite do esporte, impedia que operários ingressassem em clubes que disputariam campeonatos oficiais. Os principais indícios da profissionalização foi quando os donos das fábricas perceberam que o sucesso das equipes que levavam o nome da empresa era um ótimo meio de divulgação de seus produtos. Vendo isso como benefício, os atletas que tinham melhor rendimento passaram a ter benefícios, entre eles o “bicho” (espécie de salário), dispensa do serviço mais pesados e mais tempo livre para treinar. Como dizia Mário Filho: “Operário que jogasse bem futebol, que garantisse um lugar no primeiro time, ia logo para a sala do pano. Depois de trabalhar muito, e principalmente, de jogar muito, o operário-jogador ganhava o prêmio da sala do pano”. (FILHO, 2003, p. 84)

Paralelamente a isso, outro fator responsável pela presença cada vez atuante da classe baixa na sociedade, foi a Primeira Guerra Mundial. Esta foi a responsável pelo agravamento da crise econômica da República, em que provocou alta nos preços no Brasil, e o estopim para que gerasse uma série de greves por operários, para além de chamar atenção da elite, por melhorias nas condições de trabalho, e que estas fossem reunidas em uma legislação específica, que até então era inexistente.

Em suma, o potencial social e político ganhavam força necessária para a valorização do futebol, que anos após veio a se tornar palco das espetacularizações e fonte econômica para o país. A presença do futebol no país se torna mais evidente com a realização da Copa do Mundo pela primeira vez no Brasil, em 1950. Na final contra o Uruguai milhares de pessoas transformaram o Maracanã em um verdadeiro espetáculo, numa grande festa que contemplava a aproximação do futebol junto a

outros elementos culturais. Mas, toda essa euforia não foi o bastante para que o Brasil se consagrasse campeão mundial, pois a seleção brasileira acabou sendo derrotada, gerando um grande sentimento de tristeza e frustração não só nas pessoas que se encontravam presentes no estádio, mas em todo país.

1.4 O Negro no futebol brasileiro

Designada como atividade de entretenimento para a elite brasileira, o negro não tinha vez no futebol. A inclusão do negro foi proibida por clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo.

O futebol não alterava a ordem das coisas. Pelo contrário. Onde se podia encontrar melhor demonstração de que tudo era como de que tudo era como deveria ser? O branco superior ao negro. Os ídolos do futebol, todos brancos. Quando muito, morenos. Preto só entrava no escrete uma vez na vida e outra na morte. (FILHO, 2003, p. 68)

O primeiro clube a aceitar negros em sua equipe foi o Bangu, em 1905. O prestigiado era nada menos que Francisco Carregal. Mas, de acordo com registros históricos, o Vasco foi quem levou o mérito.

Na época, o futebol era amador. Os atletas não ganhavam para jogar, cada um tinha sua profissão. No Fluminense, havia estudante, dono de loja, empresários, filhos de pais ricos. No Bangu, predominavam operários da fábrica de tecidos, que tinham o direito de sair às 15h30 na quinta-feira. De resto, trabalhavam o mesmo horário que todos os outros operários.

O branco tinha de ser, durante bastante tempo, superior ao preto. Quando o preto começou a querer aprender a jogar, o branco já estava formado em futebol. Foram eles que trouxeram o futebol para o Brasil, que o passaram a diante, formando clubes. Quem começou antes, levando vantagem acentuada. O caso Fluminense. (FILHO, 2003, p. 73).

O Vasco, não. Com os comerciantes portugueses por trás, recrutou nos clubes de subúrbio diversos bons jogadores. Esses comerciantes "empregavam" os atletas do Vasco em suas lojas, só que eram funcionários "fantasmas", que passavam o dia treinando na Quinta da Boa Vista, sob as ordens do técnico uruguaio Ramon Platero. Com um preparo físico muito melhor que todos os outros times da época, a equipe carioca ganhou o Campeonato de 1923, desagradando

aos quatro grandes times da época - Fla, Flu, Bota e América, que decidiram se desfiliar da Liga e criar a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA).

Bangu e São Cristóvão eram clubes que utilizavam jogadores negros, pobres, mas que não ofereciam perigo de tirar o título dos grandes. O Vasco ganhou o título, numa manobra que hoje é chamada de "amadorismo marrom".

O jogador preto não podia aprender com o professor. Só jogando no The Bangu, só sendo operário da Companhia Progresso Industrial do Brasil. E assim mesmo um ao outro. O The Bangu deixando preto entrar no time, não fazendo questão de cor, de raça, mas não exagerando. (FILHO, 2003, p. 73)

O negro, como descreve Mário Filho, passou por diversas humilhações para conseguir jogar em um clube, ao ponto de negar sua origem e identidade. Para que não os impedissem de jogar, usavam pó-de-arroz, clareando a pele, e a touca servia para esconder o cabelo crespo, que algumas vezes era alisado com ferro.

Em 1910, no Rio Grande do Sul, foi criado a Liga dos Canelas Pretas. O objetivo era incluir os negros no futebol gaúcho, já que a Associação Portoaletreense de Desporto era comandada por branco e estes proibiam os negros de participarem dos jogos. A Liga era formada por dois clubes, que hoje estão extintos: Rio-grandense e Bento Gonçalves. Mas não durou muito. A Liga Oficial criou em 1920 a segunda divisão, dando oportunidade aos afrodescendentes atuarem nos campeonatos. Com isso a LCP entrou em decadência.

A discriminação só começou a diminuir com o bom desempenho dos negros nos campeonatos e a sua inclusão cada vez maior nos clubes de elite. O Fluminense, clube totalmente burguês, foi quem mais resistiu na aceitação de negros em seu time. Se não fosse de boa família (branco e rico), estava fora. Se quisesse chegar perto do campo, tinha que ser igual moleque, ficar do lado de fora do campo esperando a bola sair para correr atrás dela e devolver aos jogadores. Esta situação foi atenuada também quando o Sport Club Internacional criou, em meados dos anos 40, o mítico "Rolo Compressor", time formado apenas por negros e mulatos, se destacando por ser ofensivo e pelas conquistas de títulos estaduais.

Contudo, a burguesia não conseguiu o monopólio do futebol. Na primeira década do século XX, a modalidade começou a alcançar as classes populares. Um dos responsáveis por esse alastramento foi às fábricas e companhias inglesas. Outro ponto que levou o negro a ingressar cada vez mais no futebol foi à

profissionalização, em 1933. O futebol era a possibilidade de ascensão social e econômica.

Os negros foram muito importantes para o futebol brasileiro. Foi por causa deles que o Brasil pôde conquistar títulos para o país. Foram eles que inventaram inúmeros dribles, possibilitando menos contato com o adversário. Assim, se diferenciou o jeito de jogar futebol do brasileiro do europeu, que prezava pela troca de passes. Dessa história, fizeram parte: Pelé, Didi, Leônidas da Silva, Garrincha e Jairzinho.

E o mulato vem a ser no futebol e na literatura, o melhor intérprete dessa configuração cultural. A rigor ele é uma figura social, cultural e metarracial que pode recobrir às vezes, pela sua natureza híbrida e complexa, brancos e negros que não são literalmente mulatos, mas que são mediadores do hibridismo. (WISNIK, 2008, p. 199)

Mas antes de chegar ao heroísmo, os negros, infelizmente, tiveram que trair a sua raça, mudar a sua identidade para ficar igual ao branco, para ter o mesmo direito que ele. Lutaram, afirmaram e reafirmaram o seu valor e sua habilidade no futebol. O esforço foi tão grande, que conquistaram troféus para os clubes e para a seleção brasileira.

Por muito tempo o negro serviu como marionete nas mãos dos brancos. Se ganhassem o jogo eram glorificados e aplaudidos de pé, mas quando perdiam eram crucificados, sua inferioridade racial voltava à tona, como se, o que fizessem não importasse. Exemplo clássico dessa manifestação foi a Copa do Mundo de 1950, em que o Brasil perdeu o título para o Uruguai, diante de 200 mil pessoas no Maracanã. Isso ocorreu justamente porque havia a necessidade de achar um culpado pela perda, e essa responsabilidade sempre recaía para os mais fracos. Foram eles: Barbosa, chamado de frangeiro, Bigode, como covarde, e Juvenal, como cachaceiro.

No Rio de Janeiro, por exemplo, em que a mistura étnica parecia ameaçar a hegemonia branca dos clubes de modo mais acentuado, a liga de futebol proibiu explicitamente jogadores de “cor”. Friedenreich perdeu rapidamente a condição de negro por causa de sua ascendência europeia e em virtude de sua condição de herói nacional. “A popularidade de Friedenreich se devia, talvez, mais ao fato de ser mulato, embora não quisesse ser mulato, do que ele ter marcado gol da vitória dos

brasileiros.” (FILHO, 2003, p. 69).

Para Guterman (2009), Arthur Friedenrich foi o primeiro grande herói do futebol brasileiro. Era um craque de recursos praticamente inesgotáveis, a se acreditar nos relatos de gente que o viu jogar.

1.5 Identidade cultural e o sujeito moderno

Há mais de um século surgia no Brasil um esporte que ficaria marcado para sempre na história da sociedade brasileira. Vem geração, passa geração e o futebol continua ganhando mais espaço na constituição da identidade de cada brasileiro.

A formação da identidade brasileira se deve, também, a herança do futebol inglês. Como construção simbólica, permitiu-se uma visão mestiça dos nossos jogadores e de nossa própria construção cultural. E esse futebol-arte foi o ápice para a afirmação do negro e do mestiço brasileiro.

A escolha do time de futebol redobra, por um gesto nosso, a sujeição primeira a um nome, a inclusão na ordem da linguagem e a identificação inconsciente com um objeto de amor. Ou seja, reencena as bases do nosso processo de identificação, dando-lhe um fantástico teatro em que se desenvolver e se esquecer. (WISNIK, 2008, p. 34)

Ao contrário do pensamento de Wisnik, o filósofo Vilém Flusser (in WISNIK, 2008) afirma que o futebol brasileiro não se aplica como escápula do cotidiano e como fuga do trabalho, mas como uma forma de expressão e traço de construção da identidade. Uma maneira de equiparação do futebol com a vida cotidiana é a analogia que o ensaísta-cineasta Pier Paolo Pasolini faz entre o futebol e a poesia. Para ele, esse fenômeno esportivo é uma linguagem poética e que nela podemos ver a arte da prosa e poesia, identificando os processos comuns entre a modalidade e a literatura. Pasolini diz que o futebol europeu é jogado em prosa; já no sul-americano é praticado como poesia.

Via na prosa a vocação linear e finalista do futebol (ênfase decisiva, passes triangulados, contra-ataque, cruzamento e finalização), e na poesia a irrupção dos eventos não lineares e imprevisíveis (criando espaços vazios, corta-luzes, autonomia dos dribles, motivação atacante congênita). (PASOLINI apud WISNIK, 2008, p. 13)

A homogeneização que o futebol promove perante a “comunidade futebolística” oculta quaisquer conflitos decorrentes de particularidades sociais étnicas e regionais. Não é à toa que os torcedores passam a defender o time pela sua vida inteira, muito das vezes furiosamente - é como identifica José Wisnik: o futebol é um campo de conflitos simbólicos, de expressão transcultural e mundial.

Para nós brasileiros, amantes do futebol, torcer é ser leal ao clube, a seleção. Tudo isso faz parte da identidade nacional; é reportar as lembranças da cidade, da família, dos amigos; é ter suporte e convívio social. Ou seja, a identidade é constituída pelos diversos grupos que envolvem a esfera da vivência.

Como fato cultural da maior importância na cultura brasileira contemporânea, o futebol tem sido apontado como um dos principais elementos articulados com a identidade nacional no Brasil, o que pode ser inferido pelo epíteto hoje tradicional: “O país do futebol”, “A paixão nacional”. O autor Hilário Franco Júnior (2007) define a identidade como individual e coletiva:

Sendo esporte coletivo, o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas, porém calcadas, ao menos em partes, nas individualidades que o compõem. O jogo é coletivo, como a vida social, porém num e noutra a atuação de um só indivíduo por repercutir sobre o todo. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 304)

Para o autor, na primeira, mesmo que a modalidade seja um jogo coletivo, há atividades que só podem partir do indivíduo e com ele mesmo repercutir o todo. Todavia ele precisa do conjunto para seguir o sozinho, que nem é o caso de um jogar. Ele, em sua concepção, busca melhor o desempenho profissionalmente, mas só consegue se tiver os torcedores apoiando-o. A identidade individual se constrói a partir da dedicação e semelhança que a pessoa tem com o seu time de coração. A segunda, coletiva, está sempre em constante modificação. A identidade é formada ao longo dos anos, o que reafirma a memória (base do sentimento nacional). É, também, construída pela junção das comunidades brasileiras, que, nos primórdios, eram pessoas que vinham de todos os cantos do mundo.

No campo da cultura, o futebol pode ser visto como expressão otimista da cultura singular que expressa às características do brasileiro: ginga, malandragem e molecagem, tidas como marcas da mestiçagem. Mas pode ser vista, também, como fuga que esconde o enfrentamento das realidades.

Outro grande autor é Stuart Hall. Em seu livro *A identidade cultura na pós-modernidade* (2006), Hall traz três concepções bem distintas de identidade. O primeiro “o sujeito do iluminismo”, que é baseado em numa concepção da pessoa humana como indivíduo completamente centrado. Outro tributo categorizado por Hall é o “sujeito sociológico”. Este, por sua vez, aponta que o sujeito era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, uma concepção interativa da identidade e do eu. E a última concepção de identidade abordada por Stuart, e que será destacado mais adiante, é ‘sujeito da pós-modernidade’. Com a chegada da pós-modernidade, o homem tal como ser está se fragmentando e formando mais de uma identidade, sendo algumas dessas contraditórias; e essas mudanças estão fazendo com que as identidades entrem em colapso, e nisso tornando-se problemático, como lembra Stuart Hall.

Esse novo sujeito, conceitualizado como não tendo uma única identidade, passa a ter uma de “celebração móvel”, que está em constante transformação.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13)

As palavras de Hall deixam claro o real sentido do futebol na sociedade brasileira. E o que mais se aproxima do contexto que este trabalho é o “sujeito sociológico”. Quando projetamos o nosso eu nas identidades culturais, no caso o futebol, ao internalizamos as suas acepções e valores, colaboramos para alinhar os nossos anseios com os lugares que ocupamos no mundo social e cultural. “A identidade, então, costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam.” (HALL, 2006, p. 12)

A globalização teve uma atuação importante para as mudanças identitárias do sujeito pós-moderno. E com os adventos, principalmente tecnológicos, a sociedade está em constante mudança. Citado no livro de Stuart Hall, Anthony Giddens argumenta que: “na sociedade tradicional, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações” (GIDDENS in HALL, 2005, p. 14). Em contraste, a modernidade é definida apenas com a

experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas uma maneira altamente reflexiva de vida.

Atila Magno e Silva Barbosa (1980) compartilham da mesma concepção que Hall. Acreditam também que a globalização, como fenômeno sociológico, teve e continua tendo o poder de desterritorializar significados e manifestações culturais característicos de uma sociedade e transformá-los em elementos identificáveis em outros contextos, sem se importar com a sua “mutação”, se é assim que posso dizer.

O que aconteceu no século XX foi à passagem da sociedade de produção para a sociedade do consumo. Por outro lado, teve o processo de fragmentação da vida humana. De acordo com Zygmunt Bauman,

A vida é dividida em episódios. Não era assim no início do século XX. As sociedades foram individualizadas. Em vez de pensar em termos de a qual comunidade se pertence, a qual nação se pertence, a qual movimento político se pertence etc., tendendo a redefinir os significados de vida, o propósito da vida [...] as questões de identidade. (YOUTUBE, 2014).

Hoje, a identidade tem um papel muito importante no mundo. Para Bauman (2011), o homem, como um ser, precisa criar a sua própria identidade, pois isto não se herda. E estar sempre se redefinindo como tal, pois a vida está em constante mudança.

1.6 Ideologia e o sujeito comum

São várias as definições para a palavra Ideologia. Este termo é amplo por exercer uma função de mediação simbólica, adequados para cada contexto inserido - seja na produção cultural da filosofia, da religião, da ciência, da arte, do poder, enfim em qualquer espaço que possa se manifestar. O sociólogo John B. Thompson traz em seu livro *Ideologia e cultura moderna* (1995) os primeiros passos para a significação da palavra Ideologia.

De acordo com o autor, o primeiro filósofo a utilizar este termo foi o francês Destutt de Tracy, em 1796. Para ele, o homem não pode conhecer as coisas em si mesmas, mas apenas as ideias formadas pelas sensações que temos delas. Ou seja, se tudo fosse mais fácil e pudéssemos analisar essas percepções de modo mais sistemático, teríamos maior segurança e consistência no conhecimento

científico, e nisso extrairíamos decisões de cunho mais prático. Isto o autor denominou "Ciência das Ideias".

Ideologia deveria, pois, ser positiva, útil e suscetível de exatidão rigorosa. [...] Ela seria também a base da gramática, da lógica, da educação, da moralidade e, finalmente, a maior de todas as artes, isto é, a arte de regular a sociedade de tal modo que o ser humano encontraria ali o maior auxílio possível e, ao mesmo tempo, o menos desprazer de sua existência. [...] a ideologia possibilitaria a compreensão da natureza humana e, desse modo, possibilitaria a reestruturação da ordem social e política de acordo com as necessidades e aspirações dos seres humanos. (THOMPSON, 1995, p. 45)

Já para o autor Cósimo D'Aila (D'Aila apud NEOTTI, 1980), quando a ideologia tem a função de mediação simbólica, esta pode se caracterizar, conforme o tempo e espaço, de duas maneiras: "círculo fechado" ou "movimento de abertura".

No primeiro caso, os intelectuais (escritores, cientistas, filósofos, artistas, jornalistas, professores etc.) dão mostras de falsa consciência a respeito da realidade concreta - economia, política e cultural. No segundo caso, estes mesmos intelectuais, num momento de crise em que são sacudidos e obrigados a tomar posição clara, podem tomar consciência do círculo em que estejam egoisticamente fechados e despertar como profetas de novos tempos. (D'AILA apud NEOTTI, 1980, p. 24)

Caracteriza-se como uma visão de mundo para aquele que faz o discurso mediante suas ideias e crenças, tomando assim sua direção. Seguindo a esta filosofia do autor, poder-se-ia dizer que, em sumo, a ideologia, apesar da sua diversificação conceitual, possui de forma geral três significações, como cita o autor: "visão de mundo, distorção das relações reais e aspiração a dias melhores". (NEOTTI, 1980, p. 25)

A ambigüidade do conceito está fundamentada em uma dialética da história, em que reúne tempos distintos da sociedade do passado, presente e do futuro. Contudo, não se pode afirmar que a ideologia é justa e nem falsa. Tudo caminha de acordo com os ideais de cada pessoa.

Mas uma aspiração justa pode ser realizada de maneira injusta, devido a falsa consciência do que estão no poder ou do que os sustentam (os intelectuais). A pressuposição filosófica de que a infra-estrutura tem prioridade sobre a superestrutura cristalizou a idéia de que a natureza determina a cultura, sendo a economia, na sua força bruta, uma produção desta 'relação cultura'. (NEOTTI, 1980, p. 26-27)

A ideologia é também a dissimulação da realidade social. É o espelho das experiências vivenciadas por aqueles que pertencem a sociedade, que mascara a verdade desta realidade.

A teoria de Karl Marx, citado no texto de Onésimo de Oliveira (NEOTTI, 1980), conceitua ideologia como "aparência socialmente determinada e resultado das relações materiais de produção". Extraíndo este pensamento, para Marx "não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência" (NEOTTI, 1980, p. 37).

Essa frase reflete claramente a ação que o futebol exerce sobre a sociedade, desde o seu surgimento.

Para Marx, portanto, a ideologia aparece como um 'cimento social', mas este é articulado pelas relações concretas da produção social. Assim, o primado de sua produção é dado no nível da luta e dos interesses de classe, que definirão a sua articulação concreta. Os pensamentos dominantes e as objetivações culturais (superestrutura) não são mais do que uma expressão idealizada das relações materiais dominantes (superestrutura) expressas em pensamento. Os indivíduos que formam a classe dominante também possuem consciência e, conseqüentemente, pensam. (NEOTTI, 1980, p. 38-39)

Apesar da teoria de Karl Marx retratar bem o conceito de ideologia, Max Weber se diz contrário a interpretação de Marx. Para ele, as colocações e disposições religiosas, científicas ou mesmo artísticas não podem ser simplesmente consideradas como "reflexo ideológico" das relações econômicas de produção. Pelo contrário. "Elas devem ser vistas como elementos planador do caminho para um novo modo de produção" (NEOTTI, 1980, p. 39). O posicionamento de Weber não pressupõe a sua negação às determinações econômicas sobre as objetivações culturais, porém se resguardava contra as simplificações falsas, as quais devem levar em conta para cada asterismo histórico.

Depois de Karl Marx e Max Weber, outros filósofos, como o alemão Max Scheler, (os diferentes tipos de conhecimento também são dependentes de modo diversos de transformação social) e Karl Mannheim (ideologia reúne os fatores ideais e fatores reais como campo histórica e oticamente inúteis e separadas), tentaram disseminar os conceitos dos dois primeiros e alinhar o passado com o presente, e assim entender como a ideologia é tratada e pensada pelos homens.

Partindo das concepções do filósofo Terry Eagleton (1997), a palavra ideologia possui uma "série de significados convenientes". De acordo com as suas teorias, o termo é, por assim dizer, um texto, com diversos segmentos e traçado por divergentes histórias. De modo geral e popular, pressupõe a uma ideia já preconcebida do indivíduo.

Eagleton afirma que o termo Ideologia não só faz referência a sistemas de crenças, mas também a questão do poder, em que a "ideologia tem a ver com legitimar o poder de uma classe ou grupo social dominante" (EAGLETON, 1997, p. 19).

A ideologia está inserida em contextos ligados a ações sociais, políticas e econômica. Há muitos anos atrás, este termo era visto pela classe dominante, como acentua Karl Max, como uma forma de manter os mais ricos no controle da sociedade. Mas com o passar dos anos, e agora, em pleno século XXI, ela passou a se destacar em outros segmentos: ideologia capitalista, democrática, nacionalista, conservadora, entre tantas outras.

A concepção de ideologia tomada para este trabalho está baseada na natureza da estrutura social, em suas mudanças e reproduções, e a importância da sua atuação na sociedade. Baseando-se na concepção de John B. Thompson, o futebol, aqui estudado, se torna ideológico na medida em que se é utilizado em um determinado conceito social, ao transparecer valores de um determinado entendimento que se pretende tornar hegemônico.

Assim como Thompson, Luiz Felipe Baêta Neves Flores (apud DaMATTA, 1982) aponta que as representações ideológicas, acerca deste esporte como fenômeno social, são mediatizadas por símbolos que seguem também outras direções.

Com base nas análises feitas por Flores em seu livro *Universo do Futebol*, vamos encontrar a forma como o futebol se encaixa nos conceitos ideológicos, determinada pelo autor como Ideologia da Permanência, ou chamada também de ideologia da transformação social.

A ideologia da permanência, segundo Flores (apud DaMATTA, 1982), objetiva diferenciar grupos de enunciados ideológicos ligados ao futebol, buscando

interpretar e justificar a reprodução dessa sociedade. O futebol se infiltra em uma ideologia subliminar que facilita a interiorização da respectiva ética.

Entre os símbolos citados pelo autor, podemos distinguir grupos articulados que corroboram representações vigentes na sociedade brasileira e que buscam de alguma forma justificar a manutenção dessa sociedade. Neste se encontram o indivíduo, ascensão social e democracia. Este por sua vez é caracterizado como igualitarismo social, em que a equipe de futebol, por exemplo, está associada à comunhão de objetivos, a interdependência dos jogadores em campo e a mesma forma de se vestir. Já a ascensão social e o mito do indivíduo estão expostos ao lado dessas representações de igualdade social.

Os jogadores mais positivamente valorizados, os super-craques geralmente são pessoas oriundas de grupos sociais de baixo nível de renda e localizados nos setores inferiores da hierarquia social, caracteristicamente distantes da glória, do poder e do dinheiro: grosso modo, o super-craque nasceu em uma família de operários ou de integrantes da pequena-burguesia. Situação que se agrava quando a ela se soma o pertencimento a grupos raciais "não-brancos. (FLORES apud DaMATTA, 1982, p. 46)

Importante assinalar também que neste contexto a significação do futebol é como indicador de uma democracia racial e social, onde qualquer um, por qualidades individuais corretamente canalizadas pode atingir a notoriedade e a riqueza, sem restrições de origem social ou "cor".

Outro segmento apontado por Flores é a ideologia da transformação. Os símbolos criados pelas torcidas são significações da presença dessa divisão social na ideologia do torcedor. Tomando como exemplo o futebol carioca: o urubu: animal preto, "sujo", e magro é o símbolo do Flamengo ("time de preto"). Outro exemplo na história foi o "pó de arroz". Um produto supérfluo, em que apontou claramente o futebol como elitismo "branco", simbolizado por um preconceito – negro ter que passar pó-de-arroz no corpo para fingir que é branco e assim poder praticar o esporte.

O futebol foi e até hoje continua sendo um elemento essencial para a formação da cultura brasileira. Nos conceitos e análises feitas acima, o futebol surge neste contexto como um universo de ideologias, tendo papel de emissor e receptor dos ideais sociológicos.

3 SUJEITO E A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE

A nossa nacionalidade é sempre imposta por dúvidas e anseios. Mas a identidade cultural se impõe na construção dos conhecimentos adquiridos no dia a dia da nossa vida. O tempo, cujo não vemos e tampouco sentimos, tem forçado a sociedade a guiar-se para outro caminho, o da individualidade. O sujeito é quem tem que criar a sua própria identidade. Ocupar a sua vida com subsídios que lhe atraem e que o faça se identificar.

A questão da identidade cultural ganhou visibilidade nos tempos atuais frente às crescentes discussões que se travam em âmbitos culturais e ideológicos, nos mais diversos segmentos da globalização. E nesta nova estrutura, o pertencimento, a comunidade, o reconhecimento e a nacionalidade se tornam alvos de críticas e analiticamente reposicionadas.

O homem está vivendo em uma sociedade mutável e cíclica, e buscando constantemente uma forma de se identificar neste meio em que vive. Isso se deve, principalmente as diversas transformações que sua identidade cultural sofreu ao longo destes anos. Hoje, como afirma Stuart Hall, o homem é um indivíduo constituído de identidade híbrida e vive sob as concepções da pós-modernidade.

Arraigado pelos costumes, a geração “Z” vem se adaptando às recorrentes de transformações do mundo. E neste contexto de modernização, outros fatores estão sendo fragmentados na forma de pensar e agir diante de várias questões, como: etnia, raça, classe, gênero, sexualidade e nacionalidade.

Ao discutir a identidade cultura de um individuo é necessário questionar em que circunstâncias temporais e sociais o sujeito está alocado, e como ele lida com as mudanças que ocorrem ao seu redor. De acordo com o sociólogo Stuart Hall, essas transformações acontecem principalmente com as noções de sujeito e identidade, então definidas pelo autor como "crise de identidade".

as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando sujeito unificado. A assim chamada 'crise de identidade' é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p. 7)

Hall expõe em seu livro uma análise do processo de fragmentação da identidade cultural na pós-modernidade, demonstrando o perfil atual desta identidade, que se mostra plurificada ou mesmo inconstante na formação dos indivíduos inseridos no atual contexto histórico, a qual sofre as interferências da dispersão e concretude de linhas teóricas modernas e da globalização.

Atualmente, o mundo passa por estas variações estruturais, e as “antigas” identidades, que por muitos anos conseguiu estabilizar o mundo social, estariam ficando para trás. E tais transformações influenciam a formação cultural das pessoas, que por sua vez ficam divididas entre os velhos e novos padrões.

Partindo desse princípio, o sociólogo distingue três concepções bastante diferentes de identidade, cada uma equivalente a um período histórico - sendo reflexo de um momento social e de formas de pensar específicas de sua época: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

A concepção do primeiro sujeito, *do Iluminismo*, estaria baseada na racionalidade, num ser humano centrado. Já o *sujeito sociológico* estaria por sua vez um passo atrás da pós-modernidade. Refletindo à complexidade do mundo moderno, é no sociológico que a identidade passa a ser constituída a partir da interação da sociedade com o “eu”. O indivíduo, antes centrado, passaria a ser fragmentado, composto por diversas identidades transitórias e mutáveis. E para Hall, o *sujeito pós-moderno* nasce a partir deste processo, desprovido de uma identidade fixa, a qual seria continuamente desenvolvida e transformada em diferentes períodos históricos.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p. 13)

Ou seja, Hall acentua que as sociedades contemporâneas têm como característica a "diferença" que é interrompida por inúmeras divisões e contrastes sociais que traçam assim posições díspares do sujeito e de sua identidade. E a ruptura da concepção de identidade como essência do sujeito abalou o pensamento da 'era moderna'.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas

de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais 'lá fora' e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as 'necessidades' objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p. 12)

Outro aspecto apontado pelo sociólogo é a questão da identidade estar relacionada "ao caráter da mudança na modernidade tardia", processo este conhecido como globalização, e o impacto que causa na identidade cultural. A diferença entre a sociedade tradicional e a moderna é que a segunda, por definição, é pertencente a um mundo em constante mudança, rápido e permanente. Isto pode ser refletido no argumento de Anthony Giddens, no livro de Stuart Hall (2006):

nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. (GIDDENS apud HALL, 2006, p. 37-8)

Um dos mecanismos de identificação do sujeito é o sentimento de nacionalidade saber-se pertencente a uma nação. Ainda que ter uma nação não seja um atributo inerente à humanidade, ele passa a sê-lo na chamada modernidade tardia. E o sentimento de identidade e lealdade é gerado pela ideia de que a nação é uma comunidade simbólica e, portanto, compartilhada por um número suficientemente grande de indivíduos capazes de dar ao homem uma significação de pertencimento. Essa significação é um espelho.

Para melhor esclarecer esse processo de transformação do indivíduo em seu caráter identitário, cujo maior efeito foi o descentramento final do sujeito cartesiano, Hall apontou cinco momentos principais (HALL, 2006, p. 34-46). O primeiro é o pensamento marxista com a teoria do materialismo histórico-dialético, onde declara que o sujeito está arraigado em suas condições históricas, tanto na sua formação, quanto na transformação das suas relações sociais. O segundo momento, teorizado por Freud, é a descoberta do inconsciente, que seria o grande responsável pela formação cultural do sujeito, através de processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, intermediando as relações entre o sujeito e o mundo externo, formando e alterando, ao longo do tempo, a sua constituição e posteriormente, sua identidade. Já o terceiro é a formação da linguística estruturada, definida por

Saussure, que teoriza a língua como um sistema pré-existente e social. Isso implica que a utilização da linguagem é um processo de formação cultural, no qual acopla valores ao indivíduo em sua formação, sendo, desse modo, formadora da identidade do sujeito.

O quarto momento traz a ideia de “poder disciplinar”, desenvolvida por Foucault, que trata a disciplina com base no poder dos regimes administrativos, isto é, instituições coletivas que mantêm os comportamentos humanos. O quinto e último é o nascimento do feminismo e dos movimentos revolucionários, estudantis, na luta pelos direitos civis. Tais movimentos dão origem a novas classes ou agrupamentos sociais que posteriormente vão pluralizar ainda mais a identidade cultural.

Contudo, observa-se que toda identidade, mesmo depois de construída, é efêmera, passageira, pois mesmo sendo uma identidade consciente, ela vai sofrendo mudanças, com as próprias mudanças da história, haja vista, que a sociedade vai se adaptando a essas transformações. O último aspecto assinalado por Stuart Hall, e um dos mais relevantes e importantes, é a globalização. "... na história moderna, as culturas nacionais têm dominado a 'modernidade' e as identidades nacionais tendem a se sobrepor a outras fontes, mais particularistas, de identificação cultural" (HALL, 2006, p. 67).

Em sua conclusão, Hall aponta que a interdependência global está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes, através do bombardeamento da infiltração cultural e que está havendo a homogeneização das identidades nacionais. O processo de globalização é o fator principal e de maior responsabilidade da ação de deslocamento dessa concepção de identidade nacional, sendo o sujeito afetado primeiramente pelo processo de globalização, e em seguida a identidade nacional. O sociólogo Zygmunt Bauman aborda em seu livro essas questões da sociedade em colapso:

A questão da identidade também está ligada ao colapso do Estado de bem-estar social e ao posterior crescimento da sensação de insegurança, com a 'corrosão do caráter' que a insegurança e a inflexibilidade no local de trabalho têm provocado na sociedade. (BAUMAN, 2005, p. 11)

Com este processo, as identidades nacionais estão se tornando cada vez mais deslocadas e essa é uma preocupação para o autor, posto que, para ele, a identidade nacional, mesmo que precariamente, unifica um “povo”, que passa a se

identificar na comunidade em que vive, que dá alguma consistência a essa identidade.

A globalização inclui processos que hibridizam - colocando culturas, formas de ser, estilos de vida, um de frente com o outro – e processos que homogeneízam – negando o local em favor de um global destituído de ambiguidade, num processo de padronização radical. As culturas locais se inter-relacionam, e solapam assim sua localidade, ao mesmo tempo em que adotam uma cultura que partilham globalmente como consumidores, frequentando shoppings e supermercados, andando por estradas ou aeroportos.

Segundo Stuart Hall, “As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades — híbridas — estão tomando seu lugar” (HALL, 2006, p. 68). Essa identidade híbrida é como um rompimento entre os obstáculos que afasta as concepções tradicionais para que as modernas possam atuar.

Diversos são os fatores que contribuem para o dinamismo da modernidade tardia. Podemos dizer que agora as identidades deixam de ser localizadas, ou relacionadas a grupos locais, elas se tornam globais, dialogam com o global a todo tempo. Este reflexo, seja através do conhecimento perito ou da mediação da experiência pelos meios de comunicação, contribui para isso de maneira radical. Somos expostos a novas informações, que podem levar a reformulação de nós mesmos e de nossas práticas sociais.

Outro autor que colabora com o procedimento de desenvolvimento deste estudo, e que hoje é um sociólogo conceituado, é Zygmoun Bauman. Ao longo do seu discurso sobre identidade, o sociólogo apresenta uma série de problemas de identidade, onde esta passa a exigir uma renovação em seus parâmetros e concepções. Busca também mostrar como a questão da identidade se tornou um conceito-chave para o entendimento da sociedade ‘líquido-moderna’– termo que o próprio autor designou para definir o esgarçamento das relações da atualidade. “Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sessão de episódios fragilmente conectados”. (BAUMAN, 2005, p. 18)

A pós-modernidade é, por sua vez, o recuso de uma narrativa longa, de uma teoria complexa. E hoje, como acentua Bauman, a 'consciência pós-moderna' é,

antes de tudo, a consciência de um fracasso. Fracasso este que decorreu das utopias prometidas e que não foram cumpridas. A análise de Zygmund Bauman acompanha essa diluição das identidades individual e coletiva no cenário fluido do mundo atual.

O indivíduo é hoje um sujeito com identidades pluralistas e, ao se deparar com as incertezas e as inseguranças da 'modernidade-líquida', como aponta Bauman, as suas identidades (sociais, culturais, religiosas, e assim por diante) passam a se confrontar no âmbito de interesses pessoais. Logo, esses processos de transformações vão continuamente sofrendo modificações dentro de uma lógica do tempo e espaço, e o sentimento de pertencimento ou identidade acaba se perdendo. E as inseguranças e as incertezas advindas dessa 'líquida-modernidade' são as principais responsáveis pelas transformações em nossas identidades, e ao mesmo tempo assumem posturas diversificadas frente a situações sociais.

Tornamo-nos conscientes de que o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o 'pertencimento' quanto para a 'identidade'. Em outras palavras, a ideia de 'ter uma identidade' não vai ocorrer às pessoas enquanto o 'pertencimento' continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. (BAUMAN, 2005, p. 17)

Bauman traz em seu livro os paradoxos dessa identidade e evidencia os problemas gerados pela sociedade moderna. Como método de abordagem, ele busca acima de tudo “revelar a miríade de conexões entre o objeto da investigação e outras manifestações da vida na sociedade humana”(BAUMAN, 2005, p. 8). Ele considera essencial reter qualquer atributo dado ao indivíduo quanto à verdade de todo sentimento, o seu estilo de vida e comportamento coletivo. E para isso, é fundamental que seja analisado o contexto em que ele está inserido – social, cultural, político.

O tempo não funciona a favor do homem, mas o homem quem tem que correr contra o tempo. As mudanças experimentadas pela sociedade contemporânea têm modificado cada vez mais a maneira de interpretar o mundo. O modo de vida produzido pela pós-modernidade faz o indivíduo desvencilhar-se de todos e qualquer tipo de tradição de ordem social. Logo, o sujeito contemporâneo passa a ser

marcado pelo fim dos padrões, da estabilidade, da segurança e das certezas. Surge o tempo da indefinição, do medo e da insegurança.

Segundo Bauman, na sociedade pós-moderna a identidade vive problemas. A preocupação com a administração da vida se torna primária e parece distanciar cada vez mais o ser humano da reflexão moral. O indivíduo não tem mais tempo e não tem referências de como lidar com a vida. Como exemplifica Bauman: a sociedade está atravessando o inverno e a casca é fina, se o indivíduo andar devagar, o chão racha e ele morre. A velocidade passa a ser o item principal da vida; e isso faz o sujeito se perder no espaço, pois está correndo o tempo todo, mas não sabe para onde, não sabe o porquê está correndo; a única certeza que tem é que se não correr, a casca racha e ele morre.

As pessoas em busca de identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de 'alcançar o impossível': essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizadas no 'tempo real', mas que serão presumivelmente realizadas na plenitude do tempo - na infinitude... (BAUMAN, 2005: 16)

O impacto do fenômeno global sob a formação da identidade nacional reflete também no entendimento que os sujeitos modernos têm das fronteiras de sua própria nação. Para o sociólogo polonês, Bauman, a identidade nacional vai muito além das outras concepções de identidade. A nação é um canal que traça o diálogo entre o "nós" e o "eles", aproximando o ambiente familiar, em que o sujeito está inserido, e a soberania individual do Estado.

Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer 'natural', predeterminada e inegociável, a 'identificação' se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um 'nós' a que possam pedir acesso. (BAUMAN, 2005, p. 30)

A construção da identidade, por outro lado, é guiada pela lógica da racionalidade do objetivo - "descobrir o quão atraentes são os objetivos que podem ser atingidos com os meios que se possui" (BAUMAN, 2005, p. 55). Porém, nem sempre foi assim. Segundo Bauman, quando a modernidade substituiu os estados pós-modernos, que anteriormente determinavam a identidade pelo nascimento, as identidades passaram a ser desempenhadas pelos próprios indivíduos.

Fazer da 'identidade' uma tarefa e o objetivo do trabalho de toda uma vida, em comparação com a atribuição a estados da era pré-moderna, foi um ato de libertação - libertação de inércia dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas pré-estabelecidas e das verdades inquestionáveis. (BAUMAN, 2005, p. 56)

E essa liberdade representada pela auto identificação resulta em um processo de descobertas do indivíduo, dando-lhe mais segurança e confiabilidade naquele caminho que ele está traçando como parte de sua identidade. É importante ressaltar que o pertencimento a uma nação, por mais natural e evidente que possa parecer, é uma convenção, cultivada e aprendida pelas pessoas ao longo da história das sociedades, e que se tornou parte conformadora do homem moderno.

Com base nos conhecimentos colhidos, foi possível perceber que a cultura nacional é um modo de construir sentidos que influenciam tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmo. Acoplando todas as acepções postas ao longo do trabalho, pode-se dizer que a estrutura de conceitos e desdobramentos que a identidade arraiga se resumem em um único pensamento: ideia de pertencimento. A identidade referente à nacionalidade representa a coesão que se sobrepõe ao agregado de indivíduos do Estado.

Essas ideias, como refere Bauman, é fruto da crise do pertencimento e do esforço que se desencadeou para a recriação da realidade à semelhança da ideia. Esse esforço foi erguido pelo nascente Estado moderno na condição de dever obrigatório para todas às pessoas que se encontravam sob a égide de sua soberania territorial. O “pertencer-por-nascimento” de Bauman é a consequência lógica de pertencer a uma nação cuja convenção foi intensamente construída pela humanidade. Ao contrário da identidade pós-moderna. Na era globalizada a identidade não está arraigada a uma única concepção, mas sim fragmentada na legião de novos conceitos e pensamentos, onde outros setores sociais passam a ser mais relevantes. Stuart Hall afirma que a principal fonte de identidade cultural é a identidade nacional. E partir desta identidade outros elementos são agregados ao indivíduo, formando assim a sua identidade cultural dentro da nação.

A nação, portanto, faz sentido porque tem seu sentido narrado por memórias capazes de interligar o presente, o passado e o futuro. A construção da nacionalidade brasileira passa também por um processo narrativo. Desde os princípios da ordem e do progresso, até a concepção da mítica convivência de todas as raças ou do em desenvolvimento, permite construir uma identidade em torno do que seja o Brasil. Contudo, essa problemática da falta de identidade acontece, principalmente, pela impossibilidade de o sujeito viver em uma sociedade como um

ser totalmente pleno, convicto de suas essências que o identifica em qualquer tempo, qualquer espaço. Atualmente, este indivíduo vivencia um novo nível de aprendizado de sua identificação, sendo um sujeito pós-moderno, nascido e crescido da diversidade de culturas do mundo globalizado, tendo sua identidade construída e reconstruída permanentemente ao longo de sua existência.

O futebol enquanto espetáculo esportivo opera com estruturas de linguagem que facilitam sua aceitação mundialmente, e esta é condicionada por representações simbólicas que permitem sua compreensão globalizada. E essas transformações socioculturais citadas pelos autores possibilitam visualizar e delinear um novo panorama sobre a estruturação desta modalidade neste tempo que o homem vive.

Neste novo modelo de sociedade, o indivíduo já não faz mais parte de um único molde. Ele é projetado de forma fragmentada, tornando-se 'mestiço' cultural e assumindo diversas identidades, dentro de um ambiente que está constantemente se modificando, estando vulnerável a formações e transformações contínuas em relação às formas em que os sistemas culturais o condicionam.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise bibliográfica com os autores Hall e Bauman, observa-se que a atual crise que o homem pós-moderno vivencia é um grande dilema para a sociedade, pois ele está deslocado e sem saber até onde a sua cultura está sendo engolida pelas identidades híbridas oferecidas pelos elementos da globalização – tecnologia, informação, questões econômicas e políticas, entre outros.

O ponto principal é saber o que o futebol representa como um todo. Hoje, mais do que nunca, questões como transações milionárias de jogadores, gastos exorbitantes, custeio abusivo e superfaturados dos jogos, e o futebol apenas como espetáculo pode diminuir o interesse e pôr em dúvida a relação do indivíduo com este esporte, como sentimento de pertencimento e como parte de sua identificação cultural.

Para verificarmos se de fato houve mudanças nas percepções e identificações do indivíduo quanto ao futebol e o que ele representa, foram analisados cem questionários respondidos por estudantes universitários dos cursos de educação física, da Universidade Católica de Brasília.

Os dados coletados, correspondentes a cada uma das questões presentes, foram analisados e organizados em tabelas apresentando claramente as preferências dos universitários, os quais serão apresentados a seguir.

Na **tabela 1**, A maioria do grupo de estudantes universitários, da área de Educação Física, grupo amostral deste trabalho, demonstrou sua preferência pelo esporte. Quando questionados sobre os seus interesses nas atividades do cotidiano. Dos cem estudantes que participaram da pesquisa, 66% disseram se identificar com Esporte, seguido de Filme, com 13%. Política foi o setor de menos interesse, tendo alcance de apenas 1%.

TABELA 1 – Distribuição de frequência no item de identificação por parte dos universitários

Itens	Valor Absoluto	Valor Relativo
Esporte	66	66%
Filme	13	13%
Novela / Seriado	3	3%
Jornal	5	5%
Tecnologia	8	8%
Política	1	1%
Outros	4	4%
	100	100%

Antes de destacar o elemento de maior identificação para os universitários, que é o esporte, seria interessante voltar na fonte história e resgatar a semiologiadeste, no Brasil, e de que forma os indivíduos adquiriram interesse nesta atividade.

É inegável a importância que o esporte possui na condução das transformações sociais e culturais. O esporte no século XXI deixou de ser apenas uma atividade para fins competitivos, como costumava ser nos séculos passado, em especial o XIX.

O lúdico, o jogo, é uma das dimensões estruturais e estruturantes da vida humana em sociedade. O esporte é o lúdico socialmente organizado, institucionalizado, com regras aceitas internacionalmente, apresentando hierarquias, papéis e funções, como, de uma maneira geral, podemos ver em todas as instituições. (MURAD, 2009, p. 01)

São várias as modalidades esportivas praticadas Brasil a fora. O esporte pode ser considerado uma metáfora da vida social, representando o seu “Eu” no cotidiano, de suas raízes e ideologias – sendo uma parte da representação cultural e social. A cada dia é possível observar diferentes grupos sociais praticando uma modalidade esportiva, seja nas escolas, nos parques, nos clubes ou nas ruas. Tal é a sua importância para a sociedade, enquanto fenômeno social, que a prática esportiva hoje é comum em todo mundo.

O esporte é plural. Plural aos motivos, sentidos, formas e intenções dos sujeitos que o praticam, caminhando junto com os valores das sociedades contemporâneas, uma vez que as mesmas se caracterizam pela acentuação e valorização do sujeito e de suas necessidades. (FLORENTINO, 2007, p. 01)

O esporte vai além do entretenimento e competições. Na atualidade, é o principal elemento para solucionar, pelo menos em partes, muitas questões sociais que os brasileiros enfrentam no dia a dia – entre elas a violência e pobreza. É através do esporte que os jovens conseguem se distanciar das drogas e do crime. É também um meio que as pessoas de baixa renda encontram para alcançarem o sucesso e melhorar suas condições de vida. Além disso, estes estão preocupados também com o bem-estar; com a saúde.

Observa-se que o interesse destes estudantes pelo esporte faz alusão ao que estes indivíduos são, e que este, por sua vez, os integra a um meio social e contribui para a construção da identidade do sujeito. Da mesma forma acontece com os demais itens assinalados na primeira tabela. Assim como esporte, filme, novela, jornal, tecnologia, política, entre outros, correspondem a uma parte da identidade de cada indivíduo.

Entretanto, observa-se que nesta nova geração, a geração da pós-modernidade, a tal da geração “Z”, há uma busca por novo estilo de vida. Aquilo que lhe oferece prazer na prática esportiva, e assim revalorizando os espaços de lazer e saúde.

Não obstante, na era moderna o esporte apresenta-se como uma pedagogia voltada para o prazer, para a busca da forma física; o esporte assume novas características para a cultura, refletindo numa ampla pluralização de sentidos e significados. Fato, este, que pode ser percebido com o surgimento de novas formas de práticas esportivas como, por exemplo, os esportes radicais. (BRACHT apud FLORENTINO, 2002, p. 01).

O esporte é entendido aqui como meio de manifestação cultural, tendo um amplo sentido de identificação, seja como práticas educacionais (institucionalizadas), apenas como lazer, ou mesmo como forma de rendimento, apreciada por um público consumidor. Sua dimensão vai mais além. Abrange campos sociais, econômicos e políticos.

Observa-se que todo esse significado fica claro na tabela mostrada acima, quando vemos que mais da metade dos entrevistados mostraram seu interesse pelo esporte, que, por sua vez, é uma importante ferramenta para a constituição das representações de processos identitários – regionais ou nacionais, classes e etnias. Esta é a maneira que o indivíduo encontrou para construir sua própria identidade, partindo assim de seus princípios, anseios e desejos.

Na segunda questão (**tabela 2**), buscou-se especificar qual modalidade esportiva os universitários mais se identificam. Verifica-se que o futebol é a prática esportiva mais citada pelos alunos, com 46%, e em seguida o voleibol com 20%. Identificou-se a luta, um público razoável, de 12%. Entre os menos almejados pelos estudantes foi o basquete, com apenas 3%.

TABELA 2 – Distribuição de frequência no item de esportes que os universitários mais se identificam

ITENS	Valor Absoluto	Valor Relativo
Voleibol	20	20%
Basquete	3	3%
Futebol	46	46%
Natação	5	5%
Lutas	12	12%
Outro	14	14%
	100	100%

Futebol e suas vertentes. Como citado anteriormente, o futebol é o esporte coletivo mais cobiçado em todo mundo, estando sempre presente no cotidiano de cada indivíduo. Mas qual o motivo para despertar tal paixão e emoção que envolve multidões? Pelo simples fato de qualquer um ter a chance de praticá-lo. Não precisa de muita coisa. Basta uma bola, independentemente se estiver cheia ou murcha; qualquer espaço serve como campo, desde grandes áreas gramadas até a sala de casa; basta um par de chinelos para fazer uma trave; “um” pra cada lado e já forma o famoso gol a gol, ou até quantos estiverem dispostos a praticá-lo. Enfim, único esporte que mobiliza os brasileiros a qualquer hora.

Para o futebol não há idade, não há limite e nem sexo, muito menos religião. Transpõe culturas e quebra barreiras. Mas que esporte é esse, que venera os heróis, forma vilões, descobre-se fenômenos, imperadores, súditos e rei? Passam-se gerações e ele permanece polêmico, mas compreensível, angustiante, mas acima de tudo, uma paixão nacional.

Como diz em sua celebre frase, o grande jornalista e escritor, Nelson Rodrigues, “o Brasil é a pátria de chuteiras”. Mesmo com todas as diferenças sociais, religião, classes e culturais, o futebol os aproximava. Mario Filho, outro

grande promotor do futebol, dizia que, de uma forma geral, o esporte bretão era um dos principais fatores de integração da sociedade brasileira.

Perceptível nos anos 50, quando aconteceu o maior drama urbano da vida brasileira: a derrota de 1950 para o Uruguai, no Maracanã. Parecia que esta fosse vivenciada como uma derrota de um projeto de nação brasileira. Porém oito anos depois o momento foi de efervescência. Com a conquista da Copa de 1958, na Suécia, o futebol entrou de vez na lista de qualidade do povo brasileiro. Através da ginga, o mundo começou a descobrir a força brasileira.

O resultado exposto na tabela 2 nos evidencia claramente que o futebol continua sendo uma preferência entre a maioria, mas que não é unanime, como anos atrás. Hoje muitos escolhem outros segmentos para se identificar, como lutas e natação, por exemplo. No item Outros, muito dos participantes citaram musculação, dança e atletismo. Modalidades estas que estão cada vez mais ganhando espaço nas preferências das pessoas.

Na **tabela 3**, observa-se que, com as facilidades tecnológicas, o acompanhamento dos eventos esportivos tornou mais frequente. Dos cem respondentes, 65% afirmaram acompanhar eventos esportivos na mídia. Já os que não assistem, o valor foi um tanto alto; 35% disseram não assistir a estes eventos.

TABELA 3 - Distribuição de frequência no item de acompanhamento de eventos esportivos na mídia

ITENS	Valor Absoluto	Valor Relativo
Sim	65	65%
Não	35	35%
	100%	100%

O esporte, com a sua ideologia de promover a saúde, sempre foi um fator de forte influência no comportamento da sociedade, afetando nas suas mudanças culturas e costumes, e sendo provedor de sonhos e ideais.

Com as novas tecnologias, ter acesso às informações está cada vez mais fácil. Manter-se informado e por dentro do que acontece no mundo é praticamente uma necessidade. O esporte é um fenômeno social e ganha cada dia mais espaço na mídia e na vida das pessoas.

Atualmente, a mídia é uma fonte reprodutora de informações, interativo e de fácil acesso. As mudanças na cobertura jornalista esportiva, trazendo o entretenimento como parte de sua programação e passando a ser mais dinâmico e interativo, foi uma maneira encontrada pelos profissionais da área para atrair o público.

Com isso, a mídia conseguiu aproximar os torcedores e os milhares de espectadores fanáticos por esporte, em especial o futebol, despertando a percepção da sua influência sobre a sociedade. Portanto que milhares de pessoas passam horas na frente da televisão, ou mesmo internet, acompanhando o seu time do coração – seja o futebol, vôlei, basquete, natação, etc. O retrato histórico e cultural que a mídia traz e a construção de heróis e ícones dos esportes fazem o telespectador, o internauta ou o leitor se aproximar cada vez mais daquela realidade que eles mostram.

Dos universitários que responderam sim, que costumam acompanhar eventos esportivos na mídia, 60% deles disseram que o seu maior interesse é manter sempre informado sobre os acontecimentos esportivos no Brasil e no mundo. Outros já optam em assistir pelo motivo de ser uma ferramenta que promove o desenvolvimento e aprendizagem nas suas profissões, facilitando a didática de ensino no dia a dia.

Os demais estudantes que disseram não acompanhar os eventos esportivos tiveram argumentos bastante curiosos. A falta de tempo foi a justificativa mais utilizada pelos universitários. Em seguida observa-se que a manipulação das informações e a forma desinteressante de tratá-las foram fortes fatores para justificar as suas respostas. Outros já falaram não gostar da programação e conteúdo.

Com o objetivo de saber quais os meios de comunicação preferencialmente universitários (**tabela 4**) se informam e identificar uma tendência de perfil do universitário em relação à sua preferência na busca pela informação esportiva, o levantamento mostra que a internet ganha ao convencional – jornal, televisão e rádio, sendo o primeiro meio de comunicação preferido pelos alunos de Educação física, com 59%. A televisão já vem em segundo lugar, com 37%.

Apenas 3% dos entrevistados optaram por jornal, e 1% pelo rádio. Já a revista não é preferência de nenhum dos entrevistados.

TABELA 4 – Distribuição de frequência no item meio de comunicação preferencial dos universitários

ITENS	Valor Absoluto	Valor Relativo
Jornal	3	3%
Revista	-	-
Internet	59	59%
Televisão	37	37%
Rádio	1	1%
Outros	-	-
	100	100%

O extremo avanço da internet tem proporcionado aos internautas facilidades em acompanhar as notícias esportivas através, e principalmente, dos smartphones – hoje o mais cobiçado pela população brasileira.

A internet oferece maior interação com o seu público, e democratizou a produção de conteúdo, dando voz às pessoas para produzirem e compartilharem aquilo que cada um julga importante e interessante, e as redes sociais são as maiores provas disso. Além disso, com a amplitude e a abrangência que a internet oferece, os veículos de comunicação não possuem limitações, e assim podem compreender diversos esportes e aprofundar-se em casa um deles.

Com o surgimento do *facebook*, *twitter*, *google+*, entre tantas outras redes sociais, possibilitaram o internauta acompanhar mais de perto tudo o que acontece com o seu time/clube. O espaço proporcionado integra o torcedor as opiniões e o colocam em redes de debates para discutir a forma como o clube está conduzindo os seus jogadores, o andamento dos jogos, enfim, a internet permite o indivíduo a manter-se 24h informado sobre o mundo esportivo, além de proporcionar às pessoas a liberdade de expor suas ideias e pensamentos.

Na **tabela 5**, para investigar como os conteúdos midiáticos são visto por parte dos universitários, foi questionado a eles se apreciam os conteúdos veiculados no programa de sua preferência. O resultado foi bem positivo para os meios de comunicação. Para 88% dos estudantes, a seleção de temáticas e abordagens são contundentes e atendem as suas expectativas.

Apenas 12% dos entrevistados disseram não estar de acordo com o conteúdo programático, por diversas razões, entre elas a falta de informação relevante e por apenas tratar de futebol. , conforme pode ser verificar na tabela abaixo.

TABELA 5 - Distribuição de frequência no item de conteúdo satisfatório veiculado no veículo de comunicação preferencial dos universitários

ITENS	Valor Absoluto	Valor Relativo
Sim	88	88%
Não	12	12%
	100%	100%

Aqueles que se mostraram satisfeitos com o conteúdo veiculado, 35% não esboçaram qualquer opinião, porém, daqueles que justificaram, a grande maioria argumenta que é um meio de adquirir informações a respeito de seus clubes, por apresentar conteúdo específico, e em especial por trazer abordagens interessantes e de boa qualidade, trazendo diversidade e interatividade, além de ser acessível. Outras características apontadas pelos participantes da pesquisa, e que acredito ser relevante, foram questões de identificação do sujeito com o conteúdo divulgado e a forma como é divulgada - englobando notícia com entretenimento.

Semelhante ao resultado da tabela anterior, quando perguntados sobre o formato do programa acompanhado (**tabela 6**) pelos estudantes de educação física é também satisfatório e os agrada. De acordo com a tabela representativa abaixo, observa-se que 84% dizem gostar da estrutura. Enquanto isso, 15% deles dizem que o formato deixa a desejar. E apenas 1% não respondeu.

TABELA 6 - Distribuição de frequência no item de formato satisfatório veiculado no veículo de comunicação preferencial dos universitários

ITENS	Valor Absoluto	Valor Relativo
Sim	84	84%
Não	15	15%
Não respondeu	1	1%
	100%	100%

Os que expressaram opinião negativa, maioria argumenta que a omissão e a transparência são os principais motivos para não aprovar a qualidade do serviço. Outros já apontam que os programas deveriam ser mais simples e estimular o desenvolvimento de outros esportes, uma vez que o futebol lidera, incomparavelmente, o ranking de assunto mais abordado.

Quanto àqueles que gostam do formato, grande parte avalia os programas acompanhados como um meio dinâmico e divertido, dando-lhe a oportunidade de interagir e opinar sobre os assuntos abordados. Além disso, outros motivos que os levaram a admirar os programas são a credibilidade, objetividade, interatividade, a abrangência de assuntos esportivos e, principalmente a inovação. Assunto este que ganha espaço no mundo midiático por proporcionar novas tecnologias e meios que aproximam mais o amante do esporte.

Na **tabela 7**, assim como o resultado da segunda pergunta do questionário, em que assinala o futebol como esporte favorito entre os entrevistados, com os programas de televisão não são diferentes. De acordo com a pesquisa, 77%, bem mais da metade, informaram que o futebol é o esporte que recebe maior destaque nos programas. Em seguida aparece a natação, com 10%. Os esportes que ganham menos destaque na programação são voleibol e basquete, levando apenas 2%.

TABELA 7 - Distribuição de frequência no item de temas mais abordados no programa de preferência dos universitários

ITENS	Valor Absoluto	Valor Relativo
Vôlei	2	2%
Basquete	2	2%
Futebol	77	77%
Natação	1	1%
Lutas	10	10%
Outro	6	6%
Não respondeu	2	2%
	100	100%

Estes dados justificam claramente as queixas identificadas no tópico anterior, em que alguns dos universitários criticam os programas por não fornecerem abertura para outros esportes. O futebol, analisado como um fenômeno cultural brasileiro parece conseguir mobilizar grande parcela da população, ainda que esse vínculo ocorra operando em graus de envolvimento diferenciados.

Percebe-se que o esporte bretão tem mais espaço na mídia brasileira por uma questão cultural. É uma relação antiga, um esporte que se tornou, acima de tudo, popular. É aí que entra o jornalismo segmentado. Todavia, o avanço tecnológico da mídia e conseqüentemente dos meios de comunicação trouxeram conseqüências não muito boas para a sociedade pós-moderna. A industrialização e comercialização capitalista por parte da mídia do lazer, do tempo livre, da saúde e conseqüentemente do esporte fizeram uma reversão do entendimento esclarecido destes aspectos, que são de suma importância para toda a sociedade.

Fazendo uma analogia à expressão "quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?", devemos fazer a mesma pergunta: os veículos de comunicação ocupam quase 100% da sua programação com o futebol porque a maioria gosta, ou a maioria gosta porque é o que a mídia mais fala? Tem questões que precisam de estudos para entender como os interesses das pessoas estão girando em torno desta nova Era, a Era da pós-modernidade.

Uma pergunta tendenciosa? Acredito que não. O intuito desta questão é saber a visão do universitário quanto ao futebol na pós-modernidade. O crescimento do mercado futebolístico e a fortuna que tramita de um lado para o outro neste meio acaba afetando a opinião das pessoas.

A **tabela 8** nos mostra a realidade que o futebol enfrenta hoje, e que seus conceitos têm se modificado nos últimos anos, com aparição de números exorbitantes. Como podemos observar, 61% dos universitários acreditam que na atualidade o futebol é um mercado de fazer dinheiro. Querendo ou não é um número bem expressivo. Em segundo lugar, com 17%, aparece o esporte bretão com forma de entretenimento e diversão.

Digamos que se fosse há alguns anos atrás, esta talvez seria a opinião de quase todos os brasileiros. Apenas 14% dos participantes da pesquisa enxergam, ainda, a modalidade como símbolo de identidade nacional. Em último, e o que me chamou bastante atenção, levou apenas 1%, em que mostra o esporte como forma de socializar com a família e amigos.

TABELA 8 - Distribuição de frequência no item de como os universitários enxergam o futebol hoje

ITENS	Valor Absoluto	Valor Relativo
Mercado de fazer dinheiro	61	61%
Como símbolo de identidade nacional	14	14%
Forma de apreciação de um espetáculo	5	5%
Forma de entretenimento / diversão	17	17%
Forma de se socializar com família e amigos	1	1%
Outros	2	2%
	100	100%

Hoje transparece o rumo que o futebol tem tomado: o lucro. O esporte bretão no Brasil e no mundo passou a ser guiado por grandes investimentos financeiros, em que as cifras são mais importantes que os resultados. Entendemos que o esporte não é somente uma manifestação cultural e um componente pertencente a sociedade em constante transformação, mas também como um produto.

O futebol deixou de ser, há muitos anos, uma paixão bilateral, ou seja, o clube criava o atleta e em troca este oferecia o seu melhor futebol, com amor. Antigamente, na época de Pelé, Garrincha e Zico - grandes ídolos, os atletas ganhavam pelo simples ato de jogar, e se dedicaram em prol de suas equipes. Porém hoje, os jogadores visam mais o lucro do que a vitória possa oferecer para a vida de um jogador. Este é visto como tal, pois maioria dos jogadores vislumbra a possibilidade de jogar no exterior e esquecem que aqui, no nosso país, existe um bom futebol.

Mesmo que esta modalidade continue nesta perspectiva de que lucro é o mais importante, ainda há aqueles que almejam e muito o esporte, e que este ainda é a "paixão nacional". Porém muitos torcedores já não convivem e muito menos acompanham seus times no dia a dia, pois preferem ficar distantes para não perder o amor que sente pelo futebol, uma vez que seja fácil acontecer.

Principalmente neste ano de Copa do Mundo, você acredita que o brasileiro está preocupado com outras coisas além do futebol? Este é um dos principais pontos chaves para esclarecer o objetivo deste estudo. Na **tabela 9**, verificar se os

interesses dos brasileiros estão se modificando com o surgimento de novos outros fatores sociais.

Seguindo os dados demonstrados na tabela abaixo (9), observa-se que grande maioria, 86%, acredita sim que os brasileiros, mesmo tendo o futebol como parte de sua formação identitária, estão preocupados com outros aspectos da vida. Apenas 14% afirmam que nesta época de Copa do Mundo poucos estão preocupados com os problemas sociais que o país vem enfrentando, e sim alienados com a chegada do maior evento mundial.

TABELA 9 - Distribuição de frequência no item de opinião dos universitários quanto ao interesse dos brasileiros em outros aspectos, além do futebol

ITENS	Valor Absoluto	Valor Relativo
Sim	86	86%
Não	14	14%
	100%	100%

Dos 86% universitários, 60% enfatizaram que as pessoas estão preocupadas com o rumo que as questões sociais estão seguindo. Se voltarmos no tempo e lembrarmos-nos dos episódios de junho de 2013, durante a Copa das Confederações, organizada pela Fifa, podemos esclarecer o resultado desta tabela.

Há exato um ano, o Brasil passou por momentos de revolta. Mais de dez estados brasileiros foram dominados por dezenas de pessoas indignadas com os problemas crônicos que o país tem enfrentado, como saúde, educação e transporte. E a revolta maior foi o gasto exorbitante que o país teve com a construção das arenas, podendo alcançar na faixa de 33 bilhões de reais; quantia esta que se aproxima do total do orçamento federal em educação.

Além disso, as obras de mobilidade urbana, que de acordo com o governo seria o principal legado deixado para as cidades-sedes, foram promessas não cumpridas. E por fim, as várias comunidades que foram retiradas de seus lares para “enfeitar” a Copa da Fifa. Entre outras questões postas pelos entrevistados foram os inúmeros escândalos de corrupções no Congresso Nacional, o aumento da inflação e a violência. E é como um participante disse: “a Copa passa e a vida continua”.

Na **tabela 10**, quando perguntados sobre que tipo de emoção o futebol causa em você (?), o grupo entrevistado apresentou respostas interessantes que se discute abaixo.

Em uma escala de zero a dez, podemos dizer que a lógica identitária do brasileiro com o futebol está abaixo da metade. Conforme observado na tabela a seguir, apenas 4% sentem o futebol como reafirmação de identidade cultural. Quanto ao futebol como sentimento de identificação com o Brasil, o número aumentou para 10%. Maioria dos estudantes de educação física diz que a emoção que o esporte bretão causa neles é de alegria e satisfação, 44%.

TABELA 10 - Distribuição de frequência no item de que tipo de emoção o futebol causa nos universitários

ITENS	Valor Absoluto	Valor Relativo
Sentimento de reafirmação de identidade cultural	4	4%
Permite escapar dos problemas	9	9%
Alegria e satisfação	44	44%
Aumenta a minha autoestima	3	3%
Gosto do estímulo que ganho ao assistir	14	14%
Sentimento de identificação com o Brasil	10	10%
Outros	16	16%
	100	100%

Entre os que responderam outros, e que me chamou a atenção, foi um estudante que descreveu a revolta que o futebol lhe causa e o sentimento de remorso. Acredito que isto pode ser explicado na questão anterior. Já para outros, futebol é a melhor maneira de escapar dos problemas do cotidiano, 9%.

De acordo com a leitura e a análise demonstrada no capítulo Revisão de Literatura, o futebol é simplesmente a essência da felicidade de algumas pessoas. Busca-se neste esporte uma maneira de se satisfazerem, deixando de ter aquele sentimento de pertencimento, de identidade.

Você acha que o futebol é uma forma essencial de compreender e definir quem você é? Por quê? Estes aspectos são analisados na **tabela 11**(abaixo).

A cada questão analisada é perceptível que o futebol, apesar de ser o esporte preferido pela maioria, já não é mais, ou não é a única forma de identificação que o

indivíduo possui. Para a maioria dos estudantes o futebol não é a essência de sua formação identitária, há outros elementos que contribuem para a sua constituição.

TABELA 11 – Distribuição de frequência no item de o futebol é ou não uma forma essencial de compreender e definir quem o universitário é.

ITENS	Valor Absoluto	Valor Relativo
Sim	14	14%
Não	86	86%
	100%	100%

Dos cem universitários que participaram da pesquisa, 86% disseram que o futebol não é uma forma essencial de compreender e definir quem eles são. Os argumentos são diversos. Porém grande parte diz não se identificar apenas com o futebol, mas sim com outros esportes, e que o cotidiano se encarrega de construir essa identidade com o tempo e vivência.

Entre outras respostas temos: possuo personalidade fora disso; não me identifico pois este esporte é rodeado de interesses (R\$); é apenas entretenimento; princípio e valores não vêm do futebol; existem outras áreas mais importantes; ou por ser indiferente.

Já os meros 14% que afirmaram que o futebol é fator primordial para compreender e definir quem eles são, maioria diz que o futebol faz parte da infância e de sua criação, paixão herdada dos pais e avós; e define a personalidade.

Já na **Tabela 12**, quando perguntados sobre o que pensam quanto ao elitismo do futebol distanciar o cidadão da sua identidade com o esporte, a questão dividiu a opinião dos universitários. Com resultado bem próximo, 55% acreditam que a “volta” do elitismo no futebol tem afastado os aficionados por este esporte, principalmente pelos altos custos que os clubes têm cobrado no ingresso dos jogos.

TABELA 12 - Distribuição de frequência no item de o elitismo do futebol distancia o cidadão da sua identidade com esse esporte

ITENS	Valor Absoluto	Valor Relativo
Sim	55	55%
Não	44	44%
Não respondeu	1	1%
	100%	100%

Outra parte dos alunos, representados por 44%, entendem que não. Mesmo com os ingressos caros, todos têm condições de arcar. Além disso, os alguns estudantes afirmam que os torcedores não vão deixar de ir aos estádios, uma vez que são apaixonados e querem torcer pelos seus times. Demais razões que levaram os estudantes a discordarem da pergunta é que o esporte bretão é uma tradição, é uma questão de identidade.

Quanto ao distanciamento que o elitismo causa entre a torcida e o clube, dos que responderam sim, todos, sem exceção, concordaram que o preço do ingresso é abusivo, se tornando inacessível para milhares de brasileiros. “Futebol é para ricos”. “Afasta a classe operária”. “Divide e exclui as classes”. “Futebol é genuinamente popular, mas o preço afasta os torcedores”. “Rico tem mais oportunidade”. Enfim, o aumento do preço ao longo dos últimos anos é um dos principais fatores que mantêm o torcedor longe dos estádios.

O que me motivou a questioná-los sobre o assunto foi instigar se de fato essas mudanças no futebol brasileiro têm afetado suas opiniões quanto ao esporte, e vejo que sim.

Toda time ou seleção tem aquele jogador que, seja pelo talento em campo, pela garra no jogo ou pelo poder de liderança, acaba se tornando o ídolo do time. E como diz o historiador Hilário Franco Junior (2007, p. 259) "se futebol é religião, é natural a reverência de que são objetos seus principais personagens, os jogadores, alguns comparados a deuses. Às vezes pela imprensa". A **tabela 13** apresenta dados que permite analisar este aspecto.

Ao serem perguntados sobre os seus ídolos, dentre os que responderam, a maioria buscou na sua memória e lembrou-se de um grande fenômeno que tivemos no Brasil no início dos anos 2000: Ronaldo Nazário, com 31. Em seguida, o melhor jogador do mundo na atualidade, Cristiano Ronaldo, com 20. Já 24 estudantes

disseram não possuir qualquer ídolo. Entre os jogadores brasileiros mais cobiçados pelos clubes e que são heróis de torcedores, apenas o Neymar se apresenta nesta lista – com maior número de fãs.

Em toda a pesquisa, mais de 40 jogadores foram considerados ídolos para alguns estudantes. Os citados: Júlio Cesar (Seleção Brasileira e Toronto FC), Leo Moura (Flamengo), Thiago Silva (Seleção Brasileira e Paris Saint-Germain), Fred (Fluminense), Paulinho (Tottenham), Givanildo Vieira (Hulk – Zenit), Daniel Alves (Barcelona), Robinho (Milan), Adriano (Sem clube), Roberto Dinamite (Ex-jogador da seleção brasileira), entre outros.

TABELA 13 - Distribuição de frequência no item de ídolos do futebol brasileiro

Jogadores	Valor Absoluto
Ronaldo Nazário (Fenômeno)	31
Cristiano Ronaldo	20
Ronaldinho Gaúcho	14
Neymar	12
Pelé, Zico, Kaká e Messi	10
Garrincha	5
Maradona	2
Taffarel	2
Nenhum	24

No dia 08 de maio de 2014, o Brasil parou para acompanhar a lista de jogadores convocados para jogar pela seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014, que acontecerá no Brasil. Fazendo um paralelo aos ídolos apontados pelos universitários, dos 23 atletas convocados pelo técnico da seleção, Luiz Felipe Scolari, 39% dos jogadores mencionados por alguns universitários, como seus ídolos, estarão em campo na Copa.

Ou seja, hoje não existe mais aquele fanatismo pela seleção brasileira, como nos anos 50, quando o Brasil perdeu a Copa do Mundo para o Uruguai, em pleno Maracanã (1950). E, em 1958, quando nossos atletas, com muita garra, conquistaram a Copa na Suécia, contra a seleção da casa. Vitória de 5 a 2. Entre os heróis desta época, podemos dizer Djalma Santos, Dino Sani, Mazzola, Pelé, Pepe, Zagallo e Zito. Se pararmos para pensar quem seria o Rei/Deus do futebol na atualidade, como foi Pelé? Quem seria o fenômeno, como foi Ronaldinho? Quem seria o Imperador, como foi Adriano? A resposta seria simples: não temos. Estas

denominações da mitologia, que elucubravam os melhores, ficaram para trás. Hoje temos apenas ídolos, e não deuses.

O que temos atualmente são pessoas clubistas, apaixonadas apenas pelos seus times. Um fator que vem gerando preocupações e discussões entre os ex-profissionais da bola é quanto à valorização do futebol e de seus jogadores. Voltando ao assunto dos convocados para a Copa deste ano, apenas quatro atletas são brasileiros, os outros 19 restantes jogam em outras partes do mundo. E com isso, cada vez mais o indivíduo tem a desidentificação com o futebol, em especial com a seleção.

Contudo, fica evidente que a seleção brasileira está deixando de ser composta por jogadores que atuam no Brasil, e com isso vai perdendo as características identitárias que o esporte bretão criou neste país tropical, sendo assim substituído pelo “gingado” europeu. Por esta razão que vemos o clubismo ganhar espaço na forma de identificação do torcedor, e a seleção, continua sendo uma mera seleção.

Já na **tabela 14**, os respondentes tiveram que citar o nome de um time/equipe de futebol que torce. O futebol entra na vida dos homens desde o seu nascimento. Explicar o porquê da paixão pelo esporte, não sabemos. Talvez seja porque faz parte da identidade de alguns, ou porque é interessante, ou porque é divertido, ou porque é emocionante, ou porque são todas essas características juntas, ou porque é simplesmente inexplicável. Mas sabemos que idolatramos e torcemos para que os nossos clubes sejam sempre campeões.

Nesta pesquisa, podemos observar que os times cariocas e paulistas, por serem berços do futebol brasileiro, como apontados no capítulo Revisão de Literatura, estão entre os mais queridos e almejados pelas pessoas. Dos cem questionários aplicados, 32 universitários dizem torcer pelo Flamengo. Em seguida temos São Paulo e Vasco, com os mesmos números de torcedores, 10. Já o Fluminense teve um pouco menor, 6 – empatado com o Corinthians.

Dos entrevistados, cinco preferem torcer por time de fora: Real Madrid com três, e Barcelona com dois. Entre outros times citados, temos Internacional, Botafogo, Santos, Palmeiras e Cruzeiro.

TABELA 14 - Distribuição de frequência no item de times/clubes de futebol que os universitários torcem

Times	Valor Absoluto	Valor Relativo
Flamengo	32	32%
São Paulo	10	10%
Vasco	10	10%
Fluminense	6	6%
Corinthians	6	6%
Palmeiras	4	4%
Botafoogo	4	4%
Atlético Mineiro	3	3%
Internacional	3	3%
Santos	3	3%
Real Madrid	3	3%
Barcelona	2	2%
Ceará	1	1%
Braziliense	1	1%
Cruzeiro	1	1%
Manchester United	1	1%
Nenhum	10	10%
	100	100%

A vontade de torcer vem da necessidade do indivíduo em estar conectado a um ambiente envolvido por batalhas e guerras. Resquício herdado dos nossos antepassados.

Percebe-se, a partir da análise desta tabela, que o brasileiro continua tendo uma grande afeição pelos clubes nacionais. Porém, as condições que o futebol vive hoje, e por jogadores brasileiros estarem cada vez mais atuando nas equipes de fora, essa paixão está sendo também transferida. Apesar de o número ser baixo, o fato de existir 5% das pessoas que torcem por time do exterior é um fator que a realidade pós-moderna vem nos trazendo.

Na última **tabela (15)**, os torcedores foram questionados sobre a identificação que eles têm com a Seleção Brasileira de Futebol. A resposta mais citada pelos entrevistados foi que a sua assimilação com a modalidade é mediana, 42%, seguida pelo terceiro item, *pouca* (23%).

Entre os extremos da identificação do indivíduo com a seleção brasileira de futebol tivemos uma paridade de resultados. Como acompanha-se na tabela a seguir, 18% dos universitários disseram ter muita identificação, já 17% disseram não ter nenhuma.

TABELA 15 - Distribuição de frequência no item de identificação por parte dos universitários com a seleção brasileira de futebol

ITENS	Valor Absoluto	Valor Relativo
Muito	18	18%
Mediana	42	42%
Pouca	23	23%
Nenhuma	17	17%
	100%	100%

Seguindo a ordem da tabela, achei interessante assinalar, separadamente, as justificativas dos informantes quanto as suas opiniões. Para aqueles que optaram pelo item *muito*, disseram que a seleção brasileira os faz sentir mais amor pela pátria e pelo futebol, por mexer com a emoção, por representar o que temos de melhor no país, por ser melhor do mundo, e por ter esse sentimento de que o esporte "nos" representa, representa o Brasil.

O argumento dado para aqueles que escolheram a opção *mediana*, é de que tem identificação por ser brasileira, a seleção não tem mais a cara do Brasil, a seleção está deixando a desejar, torço mais para o meu time do que para a seleção, e a concepção de que não tem trago mais alegria e euforia (propaganda, elitismo tiraram essa essência do esporte).

O terceiro item, *pouca*, nos traz mais diretos: não é de meu interesse, o futebol não é mais o mesmo, não sinto emoção igual eu sinto pelo meu time, não representa o que eu gostaria de ver em um esporte, muitos atletas da seleção jogam no exterior, além destes jogarem sem comprometimento.

O último item foi o *nenhum*. Neste os universitários não pouparam suas argumentações. Uns dizem que é desnecessário, ganhando ou perdendo a minha vida não mudaria. Outros já dizem que não gosta do futebol e ele é movido muito a marketing e não a qualidade técnica.

Observa-se que neste ponto o brasileiro está desgostoso com o que a seleção tem nos trago. A importância que se encontra hoje, nesta modalidade, é puramente mercadológica, em que a troca e venda de jogadores não passam de significantes números na conta bancária. Quando se comenta da seleção, como uma equipe que vem de fora, como citado na tabela anterior, arremete a este sentimento: o sentimento de pertencimento está ficando para traz; afinal a seleção brasileira não

é mais formada por jogadores que atuam no Brasil, e sim por aqueles que fazem carreira no mundo a fora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ano de 2014 é um ano agitado para o país. É ano de Copa do Mundo e de Eleições. Uma coisa interfere na outra afetando a percepção e sentimentos das pessoas.

Manifestações intensas foram realizadas em todo o país, com reivindicações para melhoria na qualidade dos serviços públicos oferecidos e contestações com os valores aplicados na construção das arenas e infraestrutura para a realização da copa. No entanto, as reivindicações não necessariamente eliminam o desejo da realização da copa no país, mas se observa que as responsabilidades do governo não podem sofrer problemas de continuidade em favorecimento a outros eventos.

Neste cenário e tomando como referência as concepções de identidade na pós-modernidade e os questionários aplicados, foi possível perceber que a identidade, com base na vivência do sujeito, determina uma série de comportamentos regulados pelas nossas ações, e nos remete a um sentimento de pertencimento de um grupo que interage com os elementos mais periféricos da cultura, como os símbolos, os mitos e os heróis, mas não com os valores. Todavia, neste contexto observa-se que o futebol continua sendo o esporte mais amado e almejado pelos brasileiros, mesmo que outros segmentos da cultura estejam se incorporando na rotina dos indivíduos.

A pós-modernidade é o tempo das novas identidades e o indivíduo não tem tempo para perceber de fato qual a sua identidade, pois o tic-tac do relógio não para, e quando vê, ele passou mais rápido do que imaginava. E por não poder parar, este sujeito pós-moderno acaba vivendo um novo estágio de identificação, tendo a sua identidade construída e reconstruída permanentemente ao longo de sua existência. Essa problemática da falta de identidade acontece, principalmente, pelo fato de o sujeito não poder orientar a sua vida como um ser pleno, mantendo um patamar identitário desde o seu nascimento até a sua morte. Mas então, será mesmo que a lógica identitária do brasileiro com o futebol se modificou nesta era pós-moderna?

Pelo questionário aplicado pode ser verificado que o indivíduo é hoje um sujeito com identidades pluralistas; há interesse por esporte e que, aproximadamente, metade dos respondentes se identifica com o futebol, porém,

enxergam que a exploração comercial desta modalidade está tendo mais foco que o espetáculo. Mesmo assim, consideram que o futebol traz alegria e satisfação. E ao se deparar com as inseguranças e dúvidas deste novo tempo, as suas identidades, sejam elas sociais, culturais, religiosas, passam a se confrontar no âmbito de seus interesses pessoais.

A pesquisa de campo nos confirma também estes tempos de incertezas que a sociedade vem enfrentando na definição de sua identidade. A maioria dos respondentes, 66%, gosta de esporte, sendo que quase a metade se identifica mais com o futebol. Mas 86% estão preocupados com os problemas crônicos que o Brasil está enfrentado: precariedade na saúde pública, péssimo ensino público, transporte com preços abusivos e quase inacessíveis.

De acordo com a pesquisa, observa-se que os dados confirmam a teoria argumentada por Zygmunt Bauman, quando o autor afirma que a sociedade vive em uma “modernidade líquida”, em que tudo é volátil, as relações humanas não são mais tangíveis e a vida em conjunto perde a sua essência. E a Copa do Mundo e as Manifestações nos dão esse gancho. O futebol é a “paixão nacional”, e comemorar o centenário da seleção brasileira aqui no Brasil é uma emoção. Porém o povo brasileiro está dividido entre a sua paixão e a sua necessidade de ter boa qualidade de vida. As manifestações durante a Copa das Confederações foram uma maneira que encontraram para mostrar ao mundo que, mesmo apaixonado por este esporte bretão, a sua revolta com os problemas sociais os levaram a ir às ruas.

O Brasil é sim o país das chuteiras, o país da bola, o país do futebol. O brasileiro gosta de torcer pelo seu time, gosta de compartilhar essa emoção com os amigos e familiares, gosta de entretenimento e diversão, gosta de um bom espetáculo. Mas a pós-modernidade tem trazido a ele outros elementos de identificação no ambiente em que vive, seja através do esporte, da política, da tecnologia, ele sente essa necessidade de trazer junto a ele algo que o fortaleça no seu meio cultural. E, com a globalização, há uma ruptura e as identidades passam a ter constantemente um diálogo. E isso retrata exatamente as concepções de Hall e Zygmunt, essa reconfiguração da identidade, por um lado reafirma a ideia do indivíduo como uma pessoa autônoma, capaz de identificar suas próprias características. Porém, por outro lado ele perde sua conexão e poder de ação política conjunta na sociedade.

Observa-se que a questão da identidade se torna um processo de construção. E essas contradições, entre o preferir o futebol, mas acreditar que é um mercado de fazer dinheiro, futebol como essência da definição do indivíduo, mas ao mesmo tempo não é porque tem perdido o seu real conceito, acontecem pelo fato de haver o choque entre duas identidades distintas. As identidades antigas estão deixando de evoluir para que as novas identidades, as identidades híbridas, como denomina Stuart Hall, passam a assumir o “cargo”.

Apesar das limitações presentes neste projeto, o estudo não pretende esgotar o assunto. Muito pelo contrário. Este é apenas o início de um trabalho que representa uma contribuição inicial para os debates no campo social e cultural do esporte, e que mais a diante poderá ser evoluído, pois, neste ano de Copa do Mundo, é fundamental que o indivíduo - e que a própria sociedade - reflita sobre as suas concepções de identidade cultural e como o futebol se insere nelas.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. A. **Futebol, práticas culturais e sociedade na percepção de jovens de países de língua portuguesa.** Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307672645_ARQUIVO_TEXTOCOMPLETOCONLAB2011FINALAldoAzevedo.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2014.
- BAUMAN, Z. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BETTI, Mauro. **A janela de vidro:** Esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 1998.
- DAMATTA, R. **Universo do Futebol:** esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DEGAN, A. **O milagre do escrete:** futebol e identidade nacional nas crônicas esportivas de Nelson Rodrigues (1969 - 1970). *Humanitas*, Campinas, n. 9, jan/jun, 2006.
- EAGLETON, T. **Ideologia.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo: Editora Boitempo, 1997.
- FERREIRA, A. L. B. **A influência do futebol na identidade cultural brasileira.** Disponível em: <<file:///C:/Users/dell/Downloads/A+INFLU%C3%83NCIA+DO+FUTEBOL+NA+IDENTIDADE+CULTURAL+BRASILEIRA.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2014
- FILHO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses:** futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FLORENTINO, J. **O humanizar pelo esporte:** a necessidade de uma pedagogia do esporte mais complexa. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd115/o-humanizar-pelo-esporte.htm>>. Acesso em: 16 abr. 2014
- FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**, 4. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003.
- GASTALDO, E. **A pátria na “imprensa de chuteiras”:** futebol, mídia e identidades brasileiras. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/294040_Gastaldo%20-%20A%20patria%20na%20imprensa%20de%20chuteiras.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2014.
- GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil:** uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, S. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Disponível em: <http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2014.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**, 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELAL, R.; GORDON, C. **A crise do futebol brasileiro:** perspectiva para o século XXI. *ECO-PÓS*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 37-55, 2002.

HELAL, R.; SOARES, A. J. **O declínio da pátria de chuteiras:** futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/014338_o-declinio-da-patria-de-chuteiras-futebol-e-identidade-nacional-na-copa-do-mundo-de-2002.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2014.

MAGNO, A.; BARBOSA, S. **O futebol e a sociedade global:** uma reavaliação da identidade sociocultural brasileira. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewFile/3139/3281>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

MURAD, M. **Sociologia do esporte.** Disponível em: <http://fefnet172.fef.unicamp.br/ccd2009/palestras/mauricio_murad.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2014

NASCIMENTO, P. H. **Futebol e identidade nacional brasileira:** o caso da Copa do Mundo de 1938. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd10/copa38.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

NEGREIROS, P. J. L. C. **Futebol nos anos 1930 e 1940:** construindo a identidade nacional. *História: Questões e Debates*, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003.

NEOTTI, C. **Comunicação e ideologia.** São Paulo: Loyola, 1980.

RIBEIRO FILHO, C. C. **O estilo brasileiro de futebol como uma identidade nacional. Afinal, que estilo é esse? Suas origens e seus conceitos.** *Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery*, Juiz de Fora, n. 3, p. 1-10, jul/dez, 2007.

RINALDI, W. **Futebol:** manifestação cultural e ideologização. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000.

ROCHA, H. P. A.; BARTHOLO, T. L.; MELO, L. B. S.; SOARES, A. J. G. **Jovens Esportistas:** profissionalização no futebol e a formação na escola. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n2/04.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

SILVA, F. C. T.; SANTOS, R. P. **Memória social dos esportes, futebol e política:** a construção de uma identidade nacional. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. R. **Futebol:** a construção histórica do estilo nacional. *Revista Brasileira de Ciência e Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, set, 2003.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio:** o futebol e o Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008

YOUTUBE. **Fronteiras do pensamento.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

APÊNCIDE A: Modelo do instrumento



Centro Universitário de Brasília
Instituto Ceub de Pesquisa e Desenvolvimento (ICPD)
Centro de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão (CESAPE)
Pós-graduação em Jornalismo Esportivo
Aluna: Bibiana Rockstroh Celi
Professor Orientador: Paulo Trindade

Questionário - Análise namudança de lógica identitária no início do século XXI

Prezado (a) aluno (a) sou estudante de pós-graduação em Jornalismo Esportivo, no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, e estou realizandoesta pesquisa para verificar e certificar se de fato a lógica de identificação do brasileiro com o futebol se modificaram até o final do século XX e início do XXI. Para isso, solicito a sua atenção para preencher este formulário. Desde já agradeço a colaboração e garanto que os dados aqui obtidos preservarão a sua identidade e as informações utilizadas unicamente para a execução do referido estudo. OBRIGADA!

1) Dos itens assinalados abaixo, qual você mais se identifica?

- a) Esporte
- b) Filmes
- c) Novelas/Seriados
- d) Jornal
- e) Tecnologia
- f) Política
- g) Outro: _____

2) Qual esporte você mais se identifica?

- a) Vôlei
- b) Basquete
- c) Futebol
- d) Natação
- e) Lutas
- f) Outro: _____

3) Tens preferência em acompanhar eventos esportivos na mídia?

() Sim () Não Porque: _____

4) Qual o meio de comunicação de sua preferência?

a) Jornal

b) Revista

c) Internet

d) Televisão

e) Rádio

f) Outro: _____

5) Você gosta do conteúdo veiculado no programa de sua preferência?

() Sim () Não Porque: _____

6) Você gosta do formato do programa de sua preferência?

() Sim () Não Porque: _____

7) Qual o esporte mais abordado/citado no programa que você assiste?

a) Vôlei

b) Basquete

c) Futebol

d) Natação

e) Lutas

f) Outro: _____

8) Como você enxerga o futebol hoje?

a) Mercado de fazer dinheiro

b) Como símbolo de identidade nacional

c) Forma de apreciação de um espetáculo

d) Forma de entretenimento / diversão

e) Forma de se socializar com a família e amigos

f) Outro: _____

9) Principalmente neste ano de Copa do Mundo, você acha que o brasileiro está preocupado com outras coisas além do futebol?

() Sim () Não

Quais e Porque: _____

10) Que emoção o futebol causa em você?

- a) Sentimento de reafirmação de identidade cultural
- b) Permite escapar dos problemas
- c) Alegria e satisfação
- d) Aumenta a minha auto-estima
- e) Gosto do estímulo que ganho ao assistir
- f) Sentimento de identificação com o Brasil
- g) Outro: _____

11) Você acha que o futebol é uma forma essencial de compreender e definir quem você é?

() Sim () Não Porque: _____

12) Você acha que o elitismo do futebol distancia o cidadão da sua identidade com esse esporte?

() Sim () Não Porque: _____

13) Cite o nome de 3 jogadores de futebol que são seus ídolos:

Cite: _____

14) Cite o nome de 1 time/equipe de futebol que você torce:

Cite: _____

15) Você tem identificação com a seleção brasileira de futebol:

1) Muito 2) mediana 3) pouca 4) Nenhuma

Comente: _____

APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Brasília, maio de 2014

Eu, _____, declaro que fui informado e devidamente esclarecido trabalho de Monografia para a obtenção do Título de Pós-Graduada - Especialista em Jornalismo Esportivo com a temática intitulada: “Futebol: lógicas identitárias na pós-modernidade”, desenvolvido por Bibiana Rockstroh Celi, orientada pelo Prof. MSc. Paulo César Trindade Vieira, responsável pela disciplina de Marketing Esportivo da Pós-graduação em Jornalismo Esportivo do Centro de Especialização, Aperfeiçoamento e Desenvolvimento (ICPD) - UNICEUB. Estou ciente das questões contidas no questionário que envolve a pesquisa.

Por entendermos a partir dos estudos deste segmento a complexidade e importância, identificou-se que o estudo em questão pode revelar aspectos importantes que ocorrem na constituição da identidade cultural na pós-modernidade.

Neste sentido, será preservada a privacidade dos sujeitos entrevistados cujos dados serão coletados. As informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do estudo em questão. As informações serão divulgadas de forma anônima, em conformidade com as práticas e procedimentos particulares do campo em questão, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o sujeito da pesquisa, garantindo a privacidade do mesmo.

Declaro, que após ser esclarecido pelo pesquisador a respeito do estudo, contribuir para coleta de dados da referente pesquisa.

Assinatura do declarante/respondente